UNIVESIDEDA DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFAONIA AFRO-BASILEIRA (UNIALAB)
INSTITUTO DE HUMANIDES – (IH)
CURSO DE LIENCIATURA EM SOCIOLOGIA

SIMÃO DAVID NGOMBO

MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DE UM JOVEM MUKONGO DE LUANDA-ANGOLA: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE CULTURAL BAKONGO EM ANGOLA

ACARAPE-CE

2026

SIMÃO DAVID NGOMBO

MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DE UM JOVEM MUKONGO DE LUANDA-ANGOLA: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE CULTURAL BAKONGO EM ANGOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de monografia apresentado ao Curso de licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

ACARAPE–CE

2026

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Ngombo, Simão David.

N479m

Memórias e vivências de um jovem mukongo de Luanda-Angola: um estudo sobre identidade cultural Bakongo em Angola / Simão David Ngombo. - Redenção, 2026.
65 f: il.

Monografia - Curso de Sociologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

1. Bakongo (povo africano) - Identidade étnica. 2. Identidade cultural. 3. Memórias - Angola. I. Título

CE/UF/BSP CDD 305.09673

TERMO DE APROVAÇÃO

SIMÃO DAVID NGOMBO

MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS DE UM JOVEM MUKONGO DE LUANDA-ANGOLA: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE CULTURAL BAKONGO EM ANGOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em formato de monografia do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para à obtenção do grau de Licenciado em Sociologia.

Data de aprovação: 16 / 06/ 2026.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Avaliadora: Prof.ª. Drª Vera Rodrigues
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Avaliador (a): Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Meu pai sempre dizia para mim, que esperava eu crescer para ele sentir-se uma pessoa importante, assim que eu me forma-se. (*In memory*).

Dedico este trabalho ao meu querido e eterno pai Afonso Ngombo (*In memory)*.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, renovo meus votos de agradecimento ao altíssimo todo poderoso Nzambe Ya Mpungo (ao Deus dos céus), pela proteção, fôlego de vida que ele tem me dado para poder seguir em frente, mesmo mediante das barreiras que tenho enfrentado e que enfrentei ao longo do meu percurso formativo no dia-a-dia na Universidade. Diante dos desafios, Deus não permitiu que nada de ruim acontecesse comigo.

Portanto, estendo meus agradecimentos a pessoa da minha querida mãe a senhora Albertina David, por tudo que tem feito por mim e por ter mim dado a oportunidade de ver e vir ao mundo, e por ter sempre cuidado de mim e estar comigo mesmo neste período em que mim encontro distante de casa, também agradeço por ela estar sempre comigo em todos os momentos da minha vida desde quando eu um feto e agora homem que sou agora agradeço por tudo querida mãe. A realização e conclusão deste círculo formativo não é penas fruto meu esforço, mas sim seu por acreditar quando eu não tinha crença em me mamã.

Agradeço também ao meu pai Afonso Ngombo que Deus o tenha em santa gloria, por ter me educado e criado com todo seu amor e carinho, embora você não esteja aqui prestigiar ou desfrutar deste momento comigo, sei que lá aonde você está orgulhoso do homem que eu teu filho me tornei, desse modo, meus mais profundo agradecimentos pelos momentos compartilhados em quanto você esteve em vida pai (em memória) Afonso 23 de maio de 2010, data que você deixou este mundo pai. Continuarei honrando o nome Ngombo que carrego comigo. É por ele que escolhi ser chamado entre meus amigos e familiares para continuar manter sua memória viva e seu legado.

Do mesmo modo, agradeço também ao meu outro pai o senhor Fernando João Massando por me criado e educado, pelos conselhos, por me impulsionar a acreditar nas minhas próprias capacidades, diante disso, sou grato por tudo, assim como o chamo pai.

De modo geral quero agradecer a cada um dos meus irmãos e irmãs pelo vosso companheirismo, por me suportarem nos meus momentos de estremo estresse, pelo apoio que cada um deu desde o primeiro momento da minha vinda para o Brasil até aos dias de hoje. A vós sou grato por tudo meus irmãos.

Agradeço também ao pai irmão mais velho Diakenga Lucas Victor, pelos conselhos acadêmicos e não adâmicos que vem dando para minha pessoa desde muito cedo, sou grato por

tudo que tens feito por mi. As minhas tias em geral agradeço pelo contributo financeiro e não financeiros que vocês vêm dando para me longo dos anos.
Não poderia deixar de agradecer a todos meus amigos que fizeram desde trajeto menos doloroso para mim, mesmo longe de caso vocês se tornaram parte da minha família, diante disso, expresso meus agradecimentos por cada um de vocês.

Agradeço também ao meu orientador professor Luís Tomás Domingos por ter aceite o meu convite de orientação, e trabalhado de forma incondicional comigo para que esse momento se torna-se realidade, e pelo apoio, conselhos e por também acreditar no meu potencial enquanto estudante, durante este período de orientação agradeço por tudo.

Por fim, quero também agradecer nossa universidade UNILAB, pelos excelentes docentes que ela tem que me permitiram adquirir um capital cultural bom que levarei pelo resto da vida. Ao Instituto de Humanidades e suas coordenações do Bacharelato Interdisciplinar em Humanidades (BHU) e da Licenciatura em Sociologia, também estendo os mais profundos agradecimentos.

RESUMO

A presente monografia intitulada Memórias e Vivências de um jovem Mukongo de Luanda-Angola: um estudo sobre identidade cultural bakongo em Angola, busca contextualizar sobre a trajetória de vida do autor dentro do contexto social urbano da cidade de Luanda. Sendo assim, a partir deste estudo buscamos compreender sobre as diferenças culturas e étnicas existentes em Luanda, sabendo que elas estão ligadas na construção da minha identidade cultural enquanto sujeito social e cultural. Portanto, nos propusemos a partir do presente estudo analisar o contexto sociocultural dos bakongo residentes em Luanda, sobretudo o caso dos Bakongo regressados. Olhando para os aspectos citados acima percebe-se que o nosso estudo busca compreender a construção da memória identitária do autor quanto os aspectos que estão ligados ao seu passado e presente, o estudo também pauta pela compreensão da preservação, construção e afirmação da minha identidade como bakongo em Luanda, a partir dos elementos políticos, religiosos, culturais e sociais que norteiam a complexidade étnica existe no processo de socialização entre os jovens pertencentes a grupos socias diferentes da sociedade Luandense. Desse modo, o nosso estudo tem como um dos seus principais objetivo e foco a análise do processo de construção da memória cultural do jovem Mukongo pertencente ao grupo étnico linguístico Bakongo de Angola, com um olhar específico no processo de transmissão de conhecimento e valores educacionais ligados na tradição cultural e histórica do povo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnia Bakongo, Identidade cultural, Memórias, Sociedade Angola.

ABSTRACT

This monograph, entitled "Memories and Experiences of a Young Bakongo from Luanda-Angola: A Study on Bakongo Cultural Identity in Angola," seeks to contextualize the author's life trajectory within the urban social context of Luanda. Therefore, this study aims to understand the cultural and ethnic differences existing in Luanda, recognizing their connection to the construction of my cultural identity as a social and cultural subject. Thus, this study proposes to analyze the sociocultural context of Bakongo residents in Luanda, especially the case of Bakongo who have returned home. Considering the aspects mentioned above, our study seeks to understand the construction of the author's identity memory in relation to aspects linked to his past and present. The study also focuses on understanding the preservation, construction, and affirmation of my identity as a Bakongo in Luanda, based on the political, religious, cultural, and social elements that guide the ethnic complexity existing in the socialization process among young people belonging to different social groups in Luanda society. Thus, one of the main objectives and focuses of our study is to analyze the process of constructing the cultural memory of young Mukongo people belonging to the Bakongo ethnic-linguistic group of Angola, with a specific focus on the process of transmitting knowledge and educational values linked to the cultural and historical tradition of the people.

KEYWORDS: Bakongo ethnicity, Cultural identity Memory, Angolan society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa: Divisão administrativa do território Angolano de 1975 até 2024..... 29
Figura 2 – Mapa: Representativo das províncias atuais de Angola 31
Figura 3 – Esta imagem representa a carta do Kamalongo bakongo em Angola 45
Figura 4 – Esta imagem representa a cerimônia da entrega dos dotes no Kamalongo..... 47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BHU- Bacharelato Interdisciplinar em Humanidades

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

IH- Instituto de Humanidades

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPM – Índice de Pobreza Multidimensional

ISCED- Instituto Superior de Ciências da Educação

MED- Ministério da Educação

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

PDP-ANA – Partido Democrático para o Progresso da Aliança Nacional de Angola RDC – República Democrática do Congo

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

UPA – União das Populações de Angola

UPNA – União das Populações do Norte de Angola

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **13**
2. CONTEXTO HISTÓRICO DE ANGOLA. **17**
2.1. Pré-história de Angola 17
2.2. Guerra civil em Angola 24
2.3. Contextualização geográfica de Angola 28
3. CONTEXTO HISTÓRICO DOS BAKONGO EM ANGOLA. **32**
3.1. Os Bakongo e sua inserção em Luanda 32
3.2. Estigmatização sofrida pelos bakongo regressados em Luanda 38
4. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS BAKONGO DE ANGOLA. **41**
4.1. Kamalongo casamento tradicional bakongo. 41
4.2. Etnia Bakongo: contexto histórico, geográfico e cultural do Reino do Kongo. 47
5. MEMORIAS E VIVÊNCIAS DE UM JOVEM MUKONGO **51**
5.1. Relato bibliográfico pessoal 52
6. CONDIDERAÇÕES FINAIS **57**
REFERÊNCIAS **59**

1. INTRODUÇÃO

Como é do conhecimento geral que o continente africano assim como outros continentes, passaram por longo período de escravatura, colonização e dominação, do poder e expansão imperial colonial europeia. Portanto, esse processo de controle e opressão desconfigurou o sistema sociocultural destes continentes, sobretudo dos Reinos que compunham os mesmos, que hoje são conhecidos por países do continente africano, Americano e Asiático.

O continente africano sofreu um dos processos de exploração e dominação mais dourador na história da humanidade, foram mais de 500 (quinhentos) anos de escravidão e colonização, onde os povos que habitavam esses territórios que hoje é conhecido como África, foram submetidos aos trabalhos esforçados e desumanos, muitos foram mortos em nome colonização e da supremacia europeia, outros foram obrigados a deixar suas famílias e seus lares para deslocarem-se em outros zonas para trabalharem nas plantações, construções, entre outros tipos de trabalhos que eram destinados para os povos escravizados e colonizados nesse período.

Todavia, Angola não fica de fora deste todo processo e percurso que os povos e territórios dominados foram submetidos na era colonial. O território que hoje se conhece por angola, e consequentemente com suas subdivisões administrativas que com configura o espaço como um país, noutro hora era maioritariamente composto por reinos e seus sub-reinos, tinha seus próprios líderes, e seus próprios sistemas socioculturais que conduziam as normas de convivências colocais.

Com isso queremos dizer, que antes da envazam colonial europeia portuguesa, os povos que hoje habitam o território angolano, eram povos separados e não unificados por uma delimitação geográfica que os tornasse povos únicos de um mesmo espaço (país). Portanto, Angola foi colonizados pelos portugueses que invadiram os reinos que se encontravam dentro do espaço que hoje pertence a angola, fruto dessa colonização muitos povos fugiram das suas zonas de origem à procura de zonas de refúgio e esconderijo, outros forma povos foram levados na condição de escravos para trabalharem na construção de plantação de cana de açúcar, construção de habitações coloniais, linhas de caminhos de ferros e outros de trabalhos escravos.

O percurso colonial e o seu impacto angolano, trouxe consigo novas configurações sociocultural para os povos que habitam o território angolano, esse impacto fez com que o espaço se tornasse num país pluricultural, com um número variável de grupos etnolinguísticos que têm características socioculturais próprias e destintas uma das outras, do norte ao sul do país.

Também ressaltamos que o desenvolvimento das sociedades que hoje formam a sociedade angolana não foi apenas impactado pela colonização, também recebeu influência de outros elementos, como o caso das migrações bantu que impactaram no desenvolvimento e constituições de alguns grupos étnicos do país, sobretudo dos povos bakongo de angola, que é o grupo do nosso foco de estudo nesta monografia.

Diante disso, Nunes Pereira (2008), descreve que a identidade cultural dos povos bakongo de Angola, baseia-se na forma de identificação e interação dos seus membros dentro das suas ações socias, norteados nos princípios culturais da ancestralidade. Por exemplo essas formas de identificação da identidade dos bakongo, podem ser denotadas na forma como eles apresentam-se socialmente diferente das identidades de outras culturas de Angola, através dos hábitos, costumes, crenças e também os seus sistemas de organização política.

Munanga (2009) diz que a identidade cultural de um povo é um elemento fundamental que permite aos seus membros identificarem-se e diferenciar-se de membros de outros grupos étnicos. A partir da reflexão de Munanga podemos perceber que os grupos étnicos existentes em Luanda possuem características culturais identitárias diferentes umas das outras por se tratar de povos provenientes de lugares ou espaços culturais que possuem valores, hábitos, crenças, costumes diferentes.

A identidade é uma característica fundamental de identificação das individualidades do ser humano, que estabelece a diferença entre as várias espécies existentes, que são denotadas no modo de agir, pensar, se relacionar e atender as práticas culturais, religiosas, políticas, econômicas de cada sociedade. A identidade não é resultado da mutação biológica dos seres humanos, mas nasce da relação social que o indivíduo vai estabelecer com outros seres dentro da sociedade dando assim a formação da identidade adquirida ou introjetada socialmente pelas estruturas sociais, possibilitando assim a criação da identidade individual de um ser social com característica própria de identificação.

Segundo Hall (2014), as identidades são um conjunto de ações, reações e modificações, de acordo com a historicidade de cada indivíduo, pois estão em constantes transformações

(Hall, 2014, p.104). O autor compreende que a identidade de um indivíduo resulta da construção dos elementos históricos que a ele são associados ou atribuídos, em detrimento das modificações ou transformações das suas ações dentro da sociedade.

Na visão de Hall (1987), o indivíduo enquanto um ser estabelecedor das relações sociais com seres de outras espécies, têm possibilidades de obter identidades diferentes em diferentes momentos da vida, pelo fato da aquisição de coerção das identidades das estruturas sociais em que ele faz parte, não atendendo uma unificação única da identidade individual. De acordo com a definição do autor pode se compreender que este processo que leva o indivíduo à troca de identidade em tempos diferentes, tem uma influência significativa pela coerção social que a modernização e globalização exercem sobres as sociedades.

Diante dos argumentos apresentados antes queremos aqui mencionar que o interesse pela produção do estudo deu-se por um conjunto de experiências coletivas e particulares vivenciadas por mim em Luanda observando como o pessoal do meu grupo étnico foram e continuam sendo tratados pelas outras etnias que compõem o tecido urbano Luandense. Portanto, por ser membro da etnia em questão e protagonista de suas memórias e vivências, trago argumentos narrativas que servirão de auxílio para a realização deste estudo. A constituição de Angola descreve que a todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, à capacidade civil, à nacionalidade, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra e à reserva de intimidade da vida privada e familiar (Angola, 2010).

Esta pesquisa é relevante porque contribui para a valorização das culturas nacionais angolanas e para a compreensão das transformações identitárias vividas pela juventude urbana. Além disso, o estudo ajuda a preservar memórias culturais Bakongo, fortalecendo debates sobre patrimônio cultural, identidade africana e diversidade étnica em Angola.

Portanto, o trabalho também possui importância acadêmica e social, pois permite compreender como os jovens reinterpretam suas tradições num contexto marcado pela globalização e pela influência cultural ocidental.

E diante disso, é que ao longo da escrita do estudo levantamos algumas questões asserem respondidas durante a nossa escrita, nos perguntamos o seguinte: Como as memórias e vivências de um jovem Mukongo de Luanda são expressadas no cotidiano de Angola? Quais foram as causas que estiveram na base da guerra civil em Angola de 1975 a 2002? Como é que os indivíduos regressados do grupo étnico bakongo eram vistos em Luanda? Qual é importância do Kamalongo na vida dos indivíduos pertencente ao grupo etnolinguístico? Que importância

teve a pratica do comercio informal, as igrejas Pentecostes na vida dos regressados em Luanda? De que maneira as relações socioculturais impactaram na vida dos Bakongo em Luanda?

Com isso, a presente monografias apresentas apresente objetivos que foram respondidos ao longo da produção dos textos que compõem a discussão teórica proposta para este estudo.

- ✓ objetivo geral deste estudo, consiste em descrever a trajetória de vida do autor, suas memórias e vivencias, as relações familiares inseridas no cotidiano Luandense.

Os objetivos específicos desta monografia são os seguintes:

- ✓ Apontar: Os factores que estiveram na base da Estigmatização dos indivíduos Bakongo regressados em Luanda.
- ✓ Compreender: A importância do Kamalongo na sociedade dos Bakongo de Angola.
- ✓ Identificar: Os desafios enfrentados pelos jovens Bakongo angolanos, na preservação identidade cultural em um contexto globalizado.

Como hipóteses, sustentamos que, estudar sobre o processo de formação das identidades dos grupos étnicos que existem em Angola e compreender o passado histórico dos grupos etnolinguísticos em Angola, torna-se fundamental para o rompimento do "tribalismo" cultural predominante na realidade do país até os dias atuais, a incorporação dos aspectos das memórias e vivencias é muito importante para reflexão da identidade dos jovens Mukongo Angola, como também para jovens de realidades distintas.

Dessa forma, o corpo deste trabalho, apresenta-se a partir de uma abordagem de natureza qualitativa por este permitir a utilização de métodos flexíveis à investigação científica. Pois, é o método que garante ao sujeito pesquisador a precisão e a objetividade do estudo dos fatos sociais, Gil (2010). Assim, a metodologia é enquanto caminho, a "aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 14). Segundo Creswell (2007), entende que a pesquisa qualitativa parte de premissas individuais, formas específicas de compreender o mundo, para entender o significado individual ou gradual que é dado a cada dimensão de problema humano.

Portanto, partindo deste ponto de vista do autor podemos considerar que a pesquisa qualitativa ela busca trabalhar com o significado do estudo do mundo, como crenças, valores e

das atitudes, busca também explicar sobre os fenômenos universais interpretativos das coisas reais não visível encontrados nas relações sociais humanas numa perspectiva das suas intencionalidades de representação.

Portanto, entendemos que análise qualitativa se mostrou importante para o estudo, isso, porque ela busca narrar e analisar o processo de memórias e vivências do jovem Mukongo dentro do contexto sociocultural de Luanda em Angola, a partir da construção da identidade cultural Bakongo, portanto, neste estudo não nos limitamos só em analisar os elementos presentes na construção da memória do autor, como também buscamos em estudar o sistema sociocultural de Luanda, o contexto histórico do espaço.

Quanto ao objeto, consideramos a pesquisa bibliográfica e documental. Quanto aos objetivos, consideramos a pesquisa exploratória e descritiva, e quanto aos procedimentos metodológicos consideramos a pesquisa documental e bibliográfica, fazendo, no entanto, o uso e a busca empírica de artigos, documentos, e livros de autores maioritariamente africanos e, não africanos. Lembrando que para este estudo não realizamos entrevista, nos baseamos apenas nas experiências do autor como também em documentos que serviram de fontes documentais para realização do estudo. Como Cervo e Bervian (1983) acreditam que, o procedimento bibliográfico pode ajudar pesquisador a chegar à diversas formas abordagens ou entendimentos diferentes sobre um único assunto, além de projetar um histórico sobre o problema de estudo, a pesquisa bibliográfica pode também ajudar na identificação de contradições, pontos de concordância e respostas que foram encontradas anteriormente sobre as perguntas que foram formalizadas no presente.

Portanto, para abordagem teórico o presente trabalho está estruturado em quatro momento importantes a mencionar que no primeiro momento do estudo contextualizou a história de Angola em três subtemas importantes, entre os temos a pré-história de Angola debruçou o historial organizacional do país entes e durante a colonização. No segmento do estudo abordaremos sobre contexto histórico dos bakongo em angola, no terceiro momento deste estudo iremos analise o processo da construção da identidade cultural dos bakongo de angola, por fim iremos refletir sobre a questão da memorias e vivências de um jovem Mukongo a partir do relato bibliográfico pessoal.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DE ANGOLA

2.1 Pré-história de Angola

O presente subtema vai ajudar-nos a compreendermos o contexto histórico do território angolano, desde o momento do surgimento dos primeiros povos a ocuparem e habitarem este espaço que hoje se compreende como território nacional dos povos e grupos étnicos pertencentes ao país. A partir desse subtema será possível termos noção de como era constituído e organizado o território antes da colonização imperial europeia que o país foi submetido.

Portanto, é interessante aqui frisar que o espaço ou território que hoje compreendemos, conhecemos e reconhecemos como território da República de Angola, antes de ter essa designação, noutro hora era constituídos por um conjunto variado de reinos e sub-reinos que ocupavam a extensão territorial desse lugar. Sendo assim, esses reinos e sub-reinos eram constituídos por grupos étnicolinguísticos e distribuídos por diversas famílias que compartilhavam identidades culturais distintos de outros grupos.

A pré-história angolana é marcada por um conjunto de fenômenos socioculturais que transformaram o percurso do país até os dias hoje. Desse modo, podemos observar que o encontro entre os primeiros habitantes do atual território angolano com os emigrantes nômadas Bantu oriundos do atual território Camaronês, contribuíram significativamente para formação das comunidades e dos grupos étnicos que formam diversidade étnica, cultural, religiosa e política do país. Após o período de consolidação e formação dos grupos étnicos angolanos, a história do país também é marcada pela presença dos europeus portuguesa no país.

Todavia, a formação dos grupos etnolinguísticos predominantes no país até os dias atuais também foi marcada por tensões violentas internas e disputas territoriais entre os grupos locais e os invasores bantos. Os grupos cresceram e fortificaram-se entre si, como também criaram modos próprios de convivências e identidades culturais que caracterizam e diferenciavam sues membros de outros grupos culturais.

Assim como Martinazzo (2010, p.33) “[...] a identidade humana é um traço característico de cada ser que permite distinguir um indivíduo de outro, um grupo de outros ou ainda uma civilização de outra”. Fazendo aqui uma ligação com o que Martinazzo nos apresenta como características da identidade humana, percebemos que a identidade dos grupos etnolinguísticos que emergiram em Angola tem diferenças das características próprias dos humanos com seus semelhantes, distinguidos dos valores religiosas, culturais, econômicos e políticos das suas estruturas sociais que possibilitam reconhecer forma própria de cada um, pelo modo como cada um se integra socialmente.

Salientamos que antes da dominação colonial opressora portuguesa no país, já existia um processo de dominação interna entre reinos, essa dominação era totalmente diferente da dominação colonial que o país foi submetido por longos séculos. O percurso de dominação era feito por reios contra reinos, aonde os reinos mais fortes conquistavam os pequenos reinos e tomavam os territórios conquistados parte de seus reinos e os povos desses reinos eram feitos de prisioneiros, posteriormente tornavam-se membros dos reinos conquistadores. É importante realçar que os que antes integravam o território de Angola, emergiram de diferentes etapas da história das suas constituições, nesse casso, surgiram os seguintes reinos, Reino Kongo, Reino do Ndongo, Reino da Matamba entre outros reinos que aqui não foram mencionados.

Segundo Zua (2002) os reinos emergiram pela implantação num dado conjunto de aldeias, de um poder centralizado na posse de um chefe de linhagem, mercê do poder económico e prestígio conquistados, reunindo à sua volta a comunidade que o respeita (Zua, 2002, p.38). Assim, como descrevemos anteriormente que o território angolano era composto por reinos e sub-reinos, ao afirmarmos isso corroboramos com o pensamento de Zua, onde o autor descreve que anteriormente o território angolano antes era formado por um conjunto de aldeia pertencente a um único chefe que detinha o poder sobre todos do seu território e seu poder estendia-se das pessoas e bens econômicos.

Os autores Zua (2002) e Wheeler (2009) destacam que o contexto histórico do desenvolvimento das comunidades angolana, é caracterizado pela existência de três principais zonas, destacas pela zona Kongo, zona Zambeze e zona Sudoeste. Por outro lado, Zua (2002) ressalta que essas três zonas foram fundamentais para o desenvolvimento cultural das comunidades, mostrando assim, que nessas zonas se desenvolveram culturas líticas, de populações que produziam ferramentas de pedras, a fim de garantirem suas subsistências e se defenderem dos predadores da natureza. Com isso, é possível demarcarmos que o território angolano já existia desde a idade da pedra, e refutarmos a ideia de que o território não existia antes, assim, como muitos estudos sustentam.

Zua (2002) destaca que o território angolano, é caracterizado pela sua diversidade e pluralidade cultural étnica dos grupos que compõe o país, isso faz com que o país seja conhecido pelas suas abundantes diversidades culturais e identidades étnica dos povos, a partir de leitura de zua podemos perceber que a população angolana e seus grupos étnicos maioritariamente são originários dos povos bantu.

Segundo Zua (2002)

> Os Bantu, vindos da região dos Camarões, progrediram lentamente pela África Central, oriental e Austral10. A migração des tes primeiros agricultores, no espaço de Angola, tomou três direções a saber: pelo Norte, descendo os rios e a costa, atravessando o Baixo Zaire; pelo oriente e pelo Nordeste, ao longo do Zambeze e do Planalto do Catanga e, finalmente, pelo Sul, desde o norte do Calahari até às terras do sudoeste de Angola (Zua, 2002, p.38).

Percebe-se que os povos Bantu que se deslocaram das regiões dos Camarões, com destino aos países da região da África central, como no caso de Angola, e outros países da África oriental e austral, realizaram um processo migratório lento que durou séculos. Assim como foi destacado pelo autor, que os Bantu que se deslocaram para Angola, ocuparam as três principais zonas de desenvolvimento das comunidades nacionais, casos como os territórios da parte norte onde encontramos os bakongo, ocuparam o rio e a costa do baixo Zaire antiga capital do reino do Kongo, o oriente e nordeste do país, as terras do Zambeze e todo planalto do Catango, também ocuparam as terras do sudoeste de território angolano.

Desse modo, percebe-se que a migração realizada pelos povos bantu ao longo do território nacional (Angola), foi realizado durante muitos séculos, isso levou a emergência de etnias diferentes, que foram distribuídas pelo território nacional. Segundo Zau (2002):

> Cada grupo etnolinguístico é caracterizado por um conjunto de valores, onde se reconhecem semelhanças entre os diferentes grupos, detectáveis na estrutura sócio-política e na identificação de idiomas com a mesma origem. Consequentemente, resul taram desse processo os seguintes grupos etnolinguísticos no seio da actual população de Angola (Zua, 2002, p.38).

Os grupos etnolinguísticos que emigraram no país após o período das movimentações bantu, são definidos por uma conjuntura de valores culturais, linguísticos e identitários que permite seus membros reconhecerem semelhança entre os diferentes grupos da mesma origem, como estruturas sociopolíticas e nos idiomas da mesma origem.

Zua (2002) e Wheeler (2009) nos fazem entender que os movimentos migratórios dos povos bantu no território angolano, deram origem aos seguintes grupos etnolinguísticos; Bakongo, Ambundo, Lunda-Quioco, Ovimbundu, Ganguela, Nhaneka-Humbe, Ovambo, Herero e Okavambo. Segundos os autores estes são os grupos que emergiram da migração bantu no país, como também são os principais grupos etnolinguístico que compõe a população angolana até os dias de hoje. São os principais grupos etnolinguísticos do país que concentram maior número de pessoas e presença fortes no senário político nacionais.

Após esse período de formações e ocupações territoriais pelos grupos etnolinguísticos formados, o território que hoje pertence a Angola, esteve mais uma vez envolvido na nova gestão de ocupação territorial administrativa politica colonial que ditava a divisão e delimitação

territorial admirativo dos países ocupantes europeus, essa lei administrativa saiu da resolução colonial da conferencia de Berlim que ditou o lime terras ao colonialista europeu, assim, após isso o país foi ocupado e colonizado pelo Portugal que hoje é conhecido como antigo colonizador de Angola.

De acordo com Henriques (2004), a história de Angola se subdivide em 5 períodos cronológicos, que são os seguintes:

- Civilizações Pré-Históricas e Proto-Históricas (Comunidade Primitiva);
- Período Pré-Colonial (com o desenvolvimento de novos modos de produção pré-capitalista, semi-esclavagista e semi-tributária). Pode-se convencionalmente admitir 1575 como marco cronológico do fim deste período;
- Período do Mercantilismo Colonial (acumulação primitiva e posterior de capital). Começa antes de 1575 e desenvolve-se até 1885;
- Período do Capitalismo Colonial (de 1885 a 1975);
- Período da Independência (desde 1975 aos nossos dias).

Segundo o referido autor, estes são os principais períodos que marcam os acontecimentos históricos da Angola do passado e Angola dos dias de hoje.

O primeiro passo consistiu em estabelecer um acordo com o Reino do Congo, que dominava toda a região. Em seguida, os lusitanos estabeleceram relações amistosas com os nativos da região e com as suas hierarquias, designadamente com seus reis. Como frutos desse processo transcorreram atividades relativas a trocas comerciais, troca de embaixadores, assim como a vinda dos missionários Católicos.

Além dessa organização política, havia as Mbanzas, lubatas e estados independes, como o Ndongo, Matamba, Loango, Ngoyo, Dembe, Cakongo, entre outros (Pantoja, 2000, p. 58). A partir daquilo que foi colocado pelo autor é possível percebermos que antes da chegados dos europeus no território do reino Kongo atual território de Angola, lá já existia organização política, como também tinham o rei soberano que nele se centralizavam o poder local, esse rei chamava-se Manikongo, o reino organizava-se por meio de cobranças de impostos em produtos, cobrados entre as províncias, estados independentes, mbanzas e lubatas. Pantoja (2000) esses tributos podiam ser pagos em produtos como ráfia, marfins e cativos, mas os povos do Kongo desenvolveram uma espécie de moeda local, as conchas de nzimbo, vindas da Ilha de Luanda (Pantoja, 2000, p. 62).

Todavia, os portugueses chegam ao território angolano por volta de 1482 sob o comando de Diego Cão, os mesmos atracaram pela primeira vez na foz do Rio Zaire antigo capital do Reino do Kongo território que hoje pertence a Angola. Depois de 1982 teve os primeiros contatos entre os africanos que habitam esse território com os homens brancos europeus portugueses, a relação estabelecida entre os nativos e invasores deu inicio a conquista e dominação da região, abrangendo a aera que hoje pertence ao território de Angola. O primeiro mantido por Portugal conquista do território passou consistiu em estabelecer um acordo amigável com antigo Reino do Congo, que tinha domínio e controle sobre toda a região do Kongo.

De acordo com Silva no seu artigo publicado em Neari Revista[1] (2018) aonde discute questões sobre a história de angola e lute de libertação para independência de Angola e guerra civil, mostra que após os portugueses estabelecer relações amigáveis com o povo nativo e suas hierarquias como os reis que habitavam a região do Kongo, presenciou-se o período de atividades de trocas comercias, troca de embaixadores como também isso trouxe a vinda dos missionários Católicos portugueses no antigo Reino do Kongo. As trocas comerciais operadas entre os nativos da região e os portugueses trouxeram consigo transformações importantes para vida da população do antigo Reino do Kongo.

Quanto isso André (2004) argumenta que na década de (50-1575) foi construída a primeira fortaleza em Luanda, chamada de São Miguel, era primeira base defensiva de comando militar portuguesa em Angola, essa fortaleza também serviu como prisão centro de exportação de pessoas escravizadas em Angola. Com isso, teve início à guerra contra os estados do ciclo do Kwanza, marcando uma data importante pela presença de colonos, "instrumentos da colonização", que eram eleitos diretamente pela metrópole para garantir o domínio português. Nesse período vigorava o regime de governo Salazarismo na Angola colonial.

O regime Salazarismo[2] que predomina em Angola ficou marados por um período de instabilidade sociopolítico do governo português. Com o passar do tempo, Portugal perdeu o controle e domínio sobre suas coloniais, nesse período também nasceram os movimentos de libertação nacional das coloniais, os movimentos de libertação trouxeram crise política interna no governo colonial de Portugal.

---

[1] **NEARI EM REVISTA | V.4 N.5 2018.1 | ISS 2447-2646**

[2] O Salazarismo foi um regime político autoritário ocorrido em Portugal e fundado por Antônio de Oliveira Salazar que durou cerca de quarenta um (41) anos (1933-1974).

Desse modo, a consolidação do domínio territorial angolano foi lenta e com conflitos com as sociedades tribais preexistentes, de que o poder colonizador acabou, naturalmente, por sair vencedor. Do final da segunda década do século XX até ao início dos anos 60, Angola viveu um incontestado domínio colonial português.

Segundo Silvia (2018) diz que:

> As décadas de 50 e 60 foram um marco no que tange ao processo de descolonização da África, depois da segunda guerra mundial e da criação da Organização das Nações Unidas (ONU). Neste período foram mais de cinquenta colônias que se tornaram nações independentes, mas o rigor do regime de Salazar em Portugal barrou todas as tentativas de independência das colônias portuguesas. Com o término da ditadura em Portugal em 25 de abril de 1974, o sonho das colônias portuguesas de conseguir a independência se torna realidade (Silvia, 2018, p.4).

Vesse que nas décadas de 50 e 60 o continente africano ficou marcado pelo processo das descolonizações das coloniais pelos seus antigos colonizadores, mas o regime português tivera barrado as tentativas de independências das suas coloniais, nesse período angola não conseguiu alcançar sua independência, mas com passar do tempo e o derrube da ditadura colonial português que predominava nas suas coloniais, em 25 de abril de 1974 as colônias de Portugal alcançam suas independências.

Nas décadas de 50 e 60, emergem em angola vários movimentos para libertação nacional, com lemas e siglas variadas, o tempo trouxe para esses movimentos transformações e muito desses movimentos tiveram que trocar seus nomes outros desapareceram, como isso, deu-se origem a novas siglas e lemas.

Cascudo (1979) pode-se considerar que:

> O branco angolano, de nascimento ou de coração, sentia-se diante do seguinte dilema: de um lado, o MPLA, marxista, comunista, mas com o apoio da Metrópole. Do outro, a FNLA, anticomunista, pró-Ocidente, nacionalista, mas... Formada pela antiga UPA, que "massacrara os brancos de 1961", os "sanguinários tribalistas do Norte". Portanto, os brancos preferiam o meio termo, nem o marxismo de Agostinho Neto, nem o poder da força do Holden Roberto, o tribalismo negro. Surgia, assim, a UNITA. (Cascudo, 1979, p. 2).

Os principais movimentos de libertação que lutaram contra o domínio e opressão colonial portuguesa e resistiram ao regime do Salazarismo em Angola foram três (3), que se denominavam de movimentos para libertação de Angola e tinham siglas diferentes, mas com objetivo único de libertar o país do domínio de Portugal.

Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) foi um movimento político criado em 1962, fruto da junção da União das

populações de Angola (UPA) – cujo líder era Holden Roberto, que passou a ser o principal nome da FNLA, com o partido democrático de Angola (PDA) (Silva, Antônio, 2018).

Movimento Popular de Libertação (MPLA), O movimento Popular de Libertação (MPLA), é um movimento político organizado em 1956, foi o fruto da união do Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola (PLUA) e do Movimento para a Independência de Angola (MIA). O MPLA, liderado por Agostinho Neto, que assumiu a orientação marxista, era fortemente urbano. Entre os membros do movimento havia tanto mestiços quanto assimilados e brancos, bem como a população Ovimbundo de Luanda (Silva, Agostinho, 2014). O MPLA tinha como projeto a criação de uma Frente Angolana de Libertação e um regime democrático que reunisse o maior número de partidos políticos, a sociedade civil, todas as etnias, as organizações religiosas, todas as camadas sociais angolanas e todos os angolanos sem distinções de sexo ou de idade.

União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) Segundo Visentini (2012), a União Nacional para Independência Total de Angola (Unita) foi fundada em 1964, mas só deu início à luta armada em 1966, liderada por Jonas Savimbi, que tinha deixado a FNLA e o GRAE.

Os historiadores René Pélissier e Douglas Wheeler (2011: 346), a revolta teve início inegavelmente na área étnica e de ação da UPA, no Norte de Angola, em 15 de março de 1961, quando foram atacadas várias fazendas e postos administrativos portugueses. Segundo Agostinho (2011), contudo, esses fatos foram seguidos por duas revoltas, que foram na Baixa de Cassange, a Leste de Malange. Iniciados em 11 de janeiro de 1961, demonstravam o descontentamento da população local sobre os maus tratos do regime.

A luta protagoniza pelos três movimentos de libertação de Angola trouxeram ganhos significativos para população do país, que sonhava com dias melhores longe dos trabalhos esforçados e desumanos que eram sometidos. No dia 11 de novembro de 1975 Angola proclama sua independência perante o mundo. Na voz do presidente do governo de transição Antônio Agostinho Neto, onde o mesmo no seu discurso dizia perante a África e ao mundo proclamo solenemente a independência de Angola. os três movimentos proclamaram a independência do em três zonas do país, o MPLA proclamou em Luanda capital do país na voz do seu líder, a FNLA proclamou no norte do país na voz do seu líder enquanto que a UNITA fez o mesmo no sul do país também na voz do seu líder.

De acordo, com todas as informações colocadas sobre a formação dos grupos étnicos e o contexto do período colonial do país, podemos dizer que tudo saiu como os três movimentos de libertação acordaram. O MPLA tornou-se partido estado do país ate os dias de hoje em que escrevemos esta monografia. Os movimentos de libertação entraram em discórdias ideológicas sobre quem se tornaria governo, o país mergulhou numa guerra civil entre os movimentos de libertação que se tornaram partidos políticos para concorrerem nas primeiras eleições realizadas no país em 1992.

2.2 Guerra civil angolana

Este subtema vai debruçar de forma sucinta sobre o período da guerra civil em Angola, que ocorreu depois do alcance da independência do país, como também o governo de transição e suas discórdias ideológicas que deram origem ao conflito armado entre os três movimentos de libertação nacional. É importante realçar que neste capitulo o nosso objetivo é narrar sobre a guerra civil interna de Angola, como também as suas causas e consequentemente suas consequências para sua população.

Após a guerra de libertação colonial protagonizada pelos movimentos de libração de Angola nomeadamente FNLA, MPLA e UNITA, o país presenciou uma nova fase de conflitos armados e disputa pelo controle do governo do território protagonizado pelos três movimentos que libertaram o país do domínio e governo português. Desse modo, Nunes (2020) argumenta que:

> O fim da longa Guerra de Independência, objetivo dos três movimentos que atuaram militarmente nesse processo, não trouxe a paz a Angola. Além das claras diferenças étnicas e sociais entre esses grupos, a divergência ideológica entre essas organizações, bem como a rápida mudança de posição de Portugal em relação às colônias e o reduzido empenho desse em fundamentar as bases para a separação política, mergulhou o recém formado Estado angolano numa guerra civil mais longa ainda (Nunes, 2020, p.27).

Todavia, com isso pode se dizer que a guerra cível angolana iniciou muito antes da efetivação da independência no país dentro daquilo que era previsto no acordo de Alvor. O crescimento de influencias externa que financiavam os três movimentos de libertação com matérias bélicas, na guerra colonial para libertação do país, estiveram na base das discórdias ideológicas pela disputa do poder governamental entre os anos de 1975 a 1989. Nunes no seu trabalho de conclusão de curso na Escola de Guerra Naval do Rio de Janeiro em 2020 nos faz entender isso ao pontar o seguinte:

> A Guerra Civil Angolana iniciou antes mesmo da efetivação da independência prevista no Acordo de Alvor. Nesse fenômeno observa-se o aumento da influência externa, por

> meio de apoio financeiro e fornecimento de material bélico, deslocamentos de tropas e os primeiros embates militares entre os movimentos de libertação nacional que estavam à frente do governo de transição estabelecido por Portugal (Nunes, 2020, p.28).

É importante frisar que a guerra cível Angola protagonizada pelos movimentos de libertação não teve seu inicio com as intervenções externas que apoiavam esses movimentos, sendo assim, essa guerra foi de iniciativa dos próprios movimentos de libertação, visto que a UNITA e a FNLA não queriam reconhecer o governo provisório do MPLA indicado em 1976 pelo és governo colonial português, que sua vez inviabilizava a proclamação da independência de Angola feita pelos outros dois movimentos, reconhecendo apenas o governo da Republica popular de Angola do MPLA.

De acordo Nunes (2020) diz que o governo provisório indicado por Portugal, não teve capacidades para unificar o país, pelo que o autor mostra, é que não foi por causa da influência estrangeira que estavam ligadas aos movimentos de independência, os interesses econômicos e de poder desses grupos também estiveram na base. Os apoios recebidos dos aliados e as disputas como a consolidação de liderança sobre os adversários políticos são factores que levaram o país a mergulhar numa guerra civil por muitos anos. Tudo esses factores, fizeram com que os conflitos ganharem dimensões internacionais fazendo com que os parceiros de cada movimento passaram a fortalecer apoios direitos e interferência na guerra.

Bonacina e Serpa (2017) dizem que os primeiros ataques na guerra civil angolana, foram iniciados pela FNLA quando receberam apoio externo do Zaire, para sair do Norte aonde se encontrava para avançar em direção à Luanda, região do país dominado pelo MPLA, que cotava com apoio das forças militares Cubanas e conquistaram a vitória. Por sua vez Carvalho (2015) pauta que o governo Sul-africano não pode consenso interno do seu aliado para invadir. Porém, em outubro de 1975, a clara vantagem da MPLA leva a África do Sul a aumentar seu suporte, por meio da Operação Savannah, com a entrada de 2.500 militares e 600 veículos. Tal fato deu início a sua intervenção direta em Angola, com a finalidade de tomar Luanda, a partir do Sul, para garantir o controle do território.

A partir destes contornos a guerra civil de angola começou a ter características de desdobramento de um conflito entre o leste-oeste. Horing (2015) diz que a comitiva cubana em Angola que apoiava o MPLA contava com um número 1.000 militares, isso antes da invasão Sul-africana, porem esse número aumentou para 36.000 militares no final da operação.

O MPLA além de o apoio militar que recebia das tropas cubanas também contava com apoio da antiga União Soviética. Horing (2015) diz que a MPLA havia recebido mais de US$ 400 milhões em matérias bélicos para guerra (Horing, 2015). O mesmo autor salienta que em 31 de março de 1976, o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou as agressões da África do Sul. Além de condenar as ações Sul-africanas este mesmo conselho dos EUA aprovou dentro das suas bases jurídicas CIA não poderia mais estar envolvidos no conflito, como também convidava Washington a retirar-se do território angolano, após a não aprovação de financiamento de US$ 28 milhões de dólares, os EUA foram obrigados a encontrarem alternativas de apoios para UNITA e FNLA.

Em 1979 morreu Agostinho Neto líder do MPLA, com Jose Eduardo dos Santos no ano de 1942 é escolhido para assumir o cargo de líder do MPLA e presidente do país, nesse período a UNITA encontrava-se em eminencia de ser derrotado pelo MPLA, o apoio recebido dos Sul-africanos permitiu a UNITA expandir sua guerrilha. Bonacina e Serpa (2017) alegam que nesse período o governo dos EUA intencionava negociar a retirada das tropas de Angola, mas a África-sul deveria dar à independência a Namíbia, os africanos ficaram no território Namibiano até 1985.

Bonacina e Serpa (2017) apontam que em 1984 a África do Sul que apoiava a UNITA, estabelece com Angola o Acordo de Lusaka com observação dos EUA, o acordo previa a retirada das tropas Sul-africanas de Angola. Segundo os autores citados o governo do MPLA cumpriu na integra o acordo, como também não permitia que a SWAPO utilizasse o território angolano. Visto que o acordo não interferia na relação de apoio das tropas Sul-africanas a UNITA, isso levou a África do Sul desrespeitar o acordo feito em Lusaka.

O incumprimento do protocolo de Lusaka assinado em 1994 pela UNITA e, de forma reduzida pelo governo de Angola naquele período, rompeu com os acordos de paz que aviam sido assinados, desse modo, o país mergulhou numa instabilidade política e social entre os anos de 1997 e 1998, com isso, Angola mergulhou novamente na guerra civil de forma generalizado e intenso entre o MPLA e UNITA. As tensões e instabilidades políticas e sociais caudas pelos confrontos em todo país só chegaram ao fim no ano de 2002, isso com a morte em combate do líder e fundador da UNITA Jonas Malheiro Sidónio Sakaita Savimbi[3] em 22 de fevereiro de

[3] Jonas Malheiro Sidónio Sakita Savimbi, nasceu aos 03 de agosto de 1934, na vila de Munhango província do Bié, foi um Sociólogo, político e guerrilheiro angolano, líder da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) durante mais de 30 (trinta) anos.

2002, na província do Moxico. Como Sampaio (2017) nos mostra que os conflitos da guerra civil angolana só chegaram em fevereiro de 2002 com a morte de Savimbi pelo exercito Angola (FAA) forças armadas angolanas.

O fim da guerra foi selado através do Memorando de Luena, de 4 de abril de 2002. A efeméride pelos tempos de paz é mais do que um macropolítico ou histórico. Pertence aos discursos oficiais que realçam essa nova fase que o país atravessa, dando-se início em 2002, em que a paz caminha como elemento para a reconstrução nacional, ao formar um contraponto possível aos rastros deixados pelos conflitos bem como as suas consequências (Sampaio, 2017).

A guerra civil angolana é considerada um dos conflitos armado mais longo, intenso e devastador da história do continente africano, da região austral e da comunidade dos países de língua portuguesa. Este confronto armado douro quase 27 anos e moldou profundamente a história do país e da sua sociedade. Como podemos ver o que Ngombo (2023) afirma que guerra civil no território angolano durou cerca de 27 anos, envolvendo os três movimentos de libertação nacional nomeadamente, Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA), União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) e o Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA), mais tarde terminando apenas com dois movimentos MPLA e UNITA.

Como qualquer confronto armado ou guerra trás ou deixa consequências, o caso de Angola não é diferente, portanto, a guerra civil deixou o país destruído do ponto de vista político e social. Muitas infraestruturas foram destruídas, devastamento da população entre outras factores. A guerra civil em Angola deixou mais de meio milhão de mortos e até um terço da população total deslocada internamente e nos países vizinhos. Desde 2002, quando o conflito armado terminou oficialmente, o país permaneceu em um estado de turbulência e confusão, com um sistema econômico instável e uma percepção social que vive sob a sombra da violência passada.

Metade da população chegaram abandonar suas zanas para deslocarem-se em Luanda, em busca de lugar seguros longe dos confrontos armados que o país atravessava, com isso, milhares de angolanos hoje são vítimas dessa guerra, isso porque hoje no país encontram-se muitos órfãos e deficientes visuais ou físicos por conta dos bombardeamentos nas zonas de guerra.

Visto que nesta monografia também discutimos sobre os Bakongo regressados ao país após o período de 2002, é importante frisar que a guerra civil, também levou os bakongo a optarem pela mesma via de exiliamento nos países vizinhos, que o final destes dois períodos eles tiveram grandes dificuldades de enquadramento na sociedade angolana principalmente os que regressaram dos países em que estavam exilados, muitos desses regressados que voltaram para o país a independência ocuparam alguns cargos de destaque no país como administrativos entre outros (Pereira, 2008).

2.3. Contextualização geográfica de Angola

Segundo Domingos, "Angola é um país que está situado na costa ocidental do continente africano faz fronteira a norte e nordeste com a República Democrática do Congo, a Leste com a Zâmbia, a sul com a Namíbia e a oeste com o oceano atlântico. A República de Angola ocupa uma extensão territorial de 1.246.700 km e está dividida administrativamente em 18 províncias e a sua capital é Luanda. O país é rico em recursos naturais, em especial os vários recursos minerais, com destaque para o petróleo que é também a maior fonte de riqueza do país.". (Domingos, 2016, p. 17). O país conta com cerca de dez grupos étnicos, sendo que os três maiores grupos, Ovimbundu, Ambundo e Bakongo somam 75% da população.

Do ponto de vista político-administrativo o território angolano organiza-se em províncias e estas por sua em municípios e comunas, entretanto, está organização se mantem até os dias atuais em que escrevemos está monografia. Desse modo, Angola enquanto um território soberano e independente no ano 2024 contava com um total de (18) províncias, 164 municípios e estes, por sua vez com 554 comunas. O Mapa que iremos mostrar a seguir permitirá compreender como o país se encontrava administrativamente organizado.

Figura 1: Mapa: Divisão administrativa do território Angolano de 1975 até 2024



Fonte: derrickangola.blogspot.com.

O Mapa apresente acima mostra como o território angolano se encontrava administrativamente dividido entre nos anos de 175 a 2024. Todavia, essa divisão político-administrativo sofreu alterações no ano de 2025, com novo proposta de divisão político-administrativo apresentada pelo presidente da República de Angola João Manuel Gomes Lourenço Assembleia Nacional aos parlamentares solicitando novas alterações no número de províncias, municípios e comunas em todo território nacional.

A nova divisão político-administrativa tem como objetivo primordial reduzir as desigualdades regionais e promover desenvolvimento equitativo em todo país. a nova proposta de divisão político-administrativo do território angolano foi aprovada na assembleia nacional por meio da Lei n.º 14/24 de 05 de setembro, começou a vigorar desde quarta-feira 1 de janeiro de 2025.

A Lei n.º 14/24 trouxe consigo novas alterações que se configuram em nova organização administrativa do território angolano. Sendo assim, essa nova organização administrativa trouxe aumento do número de províncias, aumento do número de municípios e comunas no país. A partir de 01 de janeiro de 2025 Angola passou a contar com aumento de 21 (vinte uma) províncias em relação as 18 que tinha na antiga divisão político-administrativo, saiu de 164 municípios para 326 (trezentos e vinte e seis) municípios e teve uma redução de comunas que noutro hora contava o país tinha 554 comunas e viu-se reduzida para 378 (trezentos e setenta e

oito) comunas. Com tudo, o país agora se encontra administrativamente organizado em 21 províncias está por sua vez em 326 municípios e 378 comunas. Sendo que nessa nova organização administrativa Luanda se tornou na província com maior número de municípios e comunas, com um total de 23 municípios e 378 comunas.

De acordo com Telo (2012), na organização administrativa territorial de Angola, Luanda é apresentado como capital do país, por sua vez, ele realça que o território angolano apresenta uma superfície elevada cujo sua altitude varia entre os 1000 a 1500 metros, limitado por uma estreita faixa de terras baixas na sua região costeira. Portanto, segundo o mesmo autor Angola dentro da geografia do continente africano se apresenta como quinta maior país de África ocupando uma extensão 1.246.700 km², se encontra situado na costa ocidental da região austral do continente.

Figura 2 – Mapa representativo das províncias atuais de Angola



Fonte: https://mat.gov.ao/web/mapa-de-angola

Como já referido nos dizeres de cima, que mostra que no país existem vários grupos étnicos, sendo que os três grandes são os Ovimbundos, os Kimbundos e os Bakongos. Embora estes sejam os três grandes grupos, existem outros étnicos menores como no caso dos Lunda Cokwe, Gangela entre outros pequenos que existem no país.

Luanda, é a cidade capital de Angola, é uma cidade portuária situado na costa oeste da África do Sul, possui um passeio à beira-mar, conhecido como a Marginal, que estendesse ao longo Baia de Luanda. De acordo com o instituto nacional de estatística (INE), Luanda contava com uma população estimada de 9,08 milhões de habitantes, isso até o ano de (2022), ocupando uma área de 113 km, ainda com uma altitude de 60m.

Luanda é o maior centro urbano de Angola, local aonde estão concentrados maior parte das instituições públicas do país, também se tornou na cidade política e econômica. Por conta desses e outros factores de ordem social, a cidade Luanda se tornou na mais habitada e com maior número de populares no país, isso faz do espaço uma sociedade pluricultural, devido ao encontro de pessoas de diferentes culturas do país nesse espaço. Neste ponto, estamos corroborando com o que Ngombo (2023) coloca no meu trabalho de conclusão de curso, que Angola apresenta uma sociedade de pluralidade complexa, devido seus grupos étnicos que estão espalhados em todo país, e mostra que Lunda torna-se no centro de concentração dessas diversidades culturais existentes no país, devido ao processo de deslocação que elas fazem de suas zonas para Luanda a procura de melhores condições de vida.

Munanga (2009), no seu livro origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações, frisa que a sociedade é constituída ou formada por um conjunto de pessoas destintas, organizados por um conjunto de atividades que visam garantir a cada uma dessas pessoas a satisfação de suas necessidades físicas e biológicas. Por outro lado, Munanga, diz que as pessoas que compõe a sociedade são formadas por uma unidade de limites padronizados para seus membros.

Quando observamos aqui a colocação de Munanga e voltamos para realidade Luandense, vesse que os elementos aqui mencionados por ele se encontram lidados nessa sociedade até os dias atuais. Isso porque, o espaço é construído ou habitado por indivíduos de diferentes grupos etnolinguísticos.

Segundo Bembe (2010, p. 31) Angola, apresenta espaços “etno-sociológicos ou socioculturais”. Estes espaços, apresentam diferentes níveis linguísticos, de densidade populacional, de desenvolvimento e integração política, econômica, cultural e social. Como já mencionado antes que o país também apresenta diferentes grupos étnicos, Bembe nos ajudo compreender esse percurso ao pontuar que o país possui grupos etno-sociológicos e socioculturais diferentes e, que por sua vez estes possuem línguas diferentes.

3. CONTEXTO HISTÓRICO DOS BAKONGO EM ANGOLA

3.1 Os Bakongo e sua inserção em Luanda

Durante muito tempo o território angolano foi alvo de invasão, ocupação e dominação colonial portuguesa, que por vez submeteu o povo nativo a trabalhar como escravizados. A colonização portuguesa velou muitos angolanos abandonarem o país e irem a busca de zonas ou territórios vizinhos que se encontravam fora do domínio colonial português. O caso especifico é dos indivíduos do grupo etnolinguístico Bakongo, que durante o período colonial se viram obrigados abandonarem o país devido aos castigos, trabalhos forçados e desumanos que eram submetidos a exercerem na época.

Podemos afirmar que à colonização assim como a guerra civil angolana são factores que velaram muitos Bakongos abandonarem o país e irem a busca de país que não se encontravam sobre o domínio colonial português e, que não se encontravam mergulhado numa guerra civil. milhares de Bakongos encontraram exílio países vizinhos como Congo Brazzaville e República Democrática do Congo antigo Zaire.

Pereira (1999, 2008) assim como Victor (2021, 2025) salientam que Angola viveu um período de guerra civil que durou quase 27 anos. Segundo os autores a guerra civil protagonizada pela MPLA e UNITA, deixou o país em um clima de instabilidade social, que levou muitos angolanos abandonarem o país e. Victor (2021) diz que muitos bakongo abandonaram o país devido aos conflitos armados instalados no país, o autor ainda argumenta que muitos desses bakongo buscaram exilio nos países vizinhos do Congo de Democrático e Congo Brazzaville.

Os bakongo que se instalaram no antigo Zaire viram-se obrigados a adaptarem-se no novo contexto social e político, desse modo, tiveram que aprender a língua Lingala idioma que era falado no antigo Zaire e é falado no atual Congo, o aprendizado configurou-se num elemento essencial para sua integração no mercado e trabalho e no ambiente escolar, como também nos espaços de convivência e nos mercados informais. Ficaram no país de exilio por muitos anos até seu país alcançar a paz. Pereira (1999) argumenta que Angola alcança a paz 2002 com o fim da guerra civil, com isso, assistiu-se o regresso de muitos angolanos que se encontravam exilados em outros países, frisa ainda autor que nesse grupo de pessoas que regressavam ao país lá se encontravam também os bakongo exilados no antigo Zaire.

Muito dos bakongo que regressaram ao país no ano de 2002 acabaram por não regressaram para suas zonas de origem, assim, instalar em Luanda em casa de familiares que já viviam nessa província do país. Ao regressarem trouxeram consigo hábitos, costumes e valores

culturas incorporados do outro país, desse modo, o modo de vida e convivência dos Luandenses mostrou-se estranho para eles sobretudo o uso da língua portuguesa que era diferente do Lingala que eles falavam. Estes factores os bakongo regressados a serem caracterizados de estrangeiros pelos populares luandenses.

Observando os factores antes mencionados percebe-se que os bakongo regressados enfrentam problemas de adaptação e inserção ao novo contexto sociocultural angolano-Luandense. Portanto, o processo de inserção dos indivíduos do grupo etnolinguístico Bakongo na sociedade Luandense foi atravessado por um conjunto de etapas e interação sociais que moldaram sua identidade como também sua integração na comunidade. Autores como Victor e Luena Pereira nos foram fundamentais para compreendermos o raciocínio desse discursão, Victor que também observou a inserção dos Bakongo em Luanda nos seus trabalhos em 2021 e 2025, assim como Pereira entre 1999 a 2008. Por sua vez define integração da seguinte forma:

> A integração social, portanto, não pode ser dissociada da construção democrática. Ela implica o reconhecimento da diversidade cultural, o respeito pelos direitos sociais e a criação de oportunidades equitativas de participação na vida pública. Contudo, em muitos contextos africanos, a exclusão de determinados grupos étnicos ou sociais continua a ser uma realidade, especialmente nas grandes cidades, onde as disputas por território, identidade e reconhecimento se intensificam (Victor, 2025, p.27).

Para o autor, a integração social se baseia na construção democrática, que envolve o reconhecimento das destintas culturas, como também prima pelo respeito e direitos de oportunidades e participação na vida pública. Diante disso, o autor nos mostra que esse principio da integração social em algumas realidades do continente africano tem se mostrado inverso, isso porque muitos grupos étnicos tendem ser marginalizados nas grandes cidades. Este argumento do autor caso perfeitamente com a realidade enfrentada pelo grupo étnico bakongo quanto a sua reintegração no senário sociopolítico de Angola. quando sujeitos deste grupo regressaram se viram indivíduos privados de seus direitos no próprio país. Motivos como estes dificultaram bastante a inserção dos bakongo na sociedade luandense.

Desse modo, Pereira (2008) sustenta que a integração dos Bakongo em Luanda resulta do próprio processo de construção nacional angolano, condicionado pela guerra civil e pelo progressivo fechamento político. Contudo, em vez de fragilizarem a coesão interna da etnia, essas restrições reforçaram a solidariedade étnica e fortaleceram os laços de apoio mútuo, criando confrontos identitários entre este grupo e a sociedade circundante, também impulsionados por motivações económicas.

Segundo Victor (2025):

> Integração dos grupos étnicos que compõem o tecido urbano luandense, em particular dos Bakongo regressados do Zaire (actual RDC), adquire centralidade analítica. Os Bakongo, tradicionalmente oriundos do norte de Angola e de zonas fronteiriças, foram empurrados para Luanda por factores como perseguições políticas, conflitos armados e a desestruturação das suas comunidades de origem. Esta migração forçada, muitas vezes associada à condição de "regressado", implicou novos desafios de inserção territorial, económica, social e cultural (Victor, 2025, p.30).

Por sua vez Victor detalha que adaptação dos grupos étnicos em Luanda, assim como o caso particular dos bakongo regressados são pequenas variações étnicas. Também salienta que os bakongo são provenientes da parte norte do país ou zonas que fazem fronteiras. Segundo ainda o autor muitos bakongo foram forçados ir para Luanda por razoes de perseguição politicas isso porque muito tinham ligação com o partido FNLA, pelo conflito armado, mitos bakongo em Luanda foram caracterizados como regressado, essa caracterização dificultou sua inserção no espaço, no comercio e vida sociocultural.

O histórico perfil de comerciantes e migrantes contribuiu para que, ao fixarem-se em Luanda, os Bakongo reativassem práticas culturais de matriz Kongo. Isso explica a maior afinidade demonstrada por muitos em relação aos congoleses da RDC, em detrimento dos luandenses nativos. Para uma parte significativa da população residente na capital, os «verdadeiros angolanos» seriam sobretudo os povos Ambundus (Kimbundus) do antigo Reino do Ndongo - uma percepção que reforça a fronteira simbólica entre «autóctones» e «regressados» (Pereira, 2002).

Não obstante, a rápida ascensão social e política de alguns Bakongos, muitos dos quais haviam recebido formação média e superior no antigo Zaire e lograram ocupar cargos no aparelho de Estado, gerou um sentimento de desconforto entre sectores da população luandense. Como observa Pereira (2008), essa situação, combinada com o ambiente de radicalização política da época, levou à identificação dos Bakongos regressados como estrangeiros, provocando tensões e dificultando a sua plena inserção social.

Atualmente muitos Bakongo ou (BK[4]) ainda enfrentam as mesmas dificuldades, mesmo aqueles que nasceram na cidade capital Luanda, sofrem os mesmos rótulos que seus progenitores sofrem, isso devesse ao facto dos mesmos terem ligações históricas e culturas com a população da República Democrática do Congo, aonde no passado ficaram exilados.

Apesar das adversidades, relata Victor (2021), os indivíduos desta etnia procuraram formas alternativas de inserção na sociedade luandense. Uma das estratégias adoptadas foi a

[4] BK é a sigla de abreviação de Bakongo, muitos Bakongo em Angola sobretudo em Luanda são adjetivados pela sigla, outros por preferência e orgulho de pertencimento também se apresentam socialmente por Bk.

mobilização de redes familiares e comunitárias já estabelecidas na capital do país. No contexto africano, e particularmente entre os Bakongo, a dimensão familiar tende a ser alargada, funcionando como um grupo identificado social e etnicamente, tanto por si próprios como por outros (Manuel, 2022; Hilton, 1985; Vansina, 1990).

Ainda nessa mesma ordem de ideia a autora Luena Pereira (1999) no seu trabalho intitulado os regressados na cidade de Luanda, autor argumenta que a presença ativa dos Bakongo regressados nas atividades religiosas, os deveres familiares, presenças nos óbitos, nos casamentos, nos batismos familiares e convivências nos mercados foram formas de socialização que permitiram e garantiram integração dos indivíduos do grupo etnolinguístico bakongo na sociedade luandense.

Pereira (2008) sustenta que a integração dos Bakongo em Luanda resulta do próprio processo de construção nacional angolano, condicionado pela guerra civil e pelo progressivo fechamento político. Contudo, em vez de fragilizarem a coesão interna da etnia, essas restrições reforçaram a solidariedade étnica e fortaleceram os laços de apoio mútuo, criando confrontos identitários entre este grupo e a sociedade circundante, também impulsionados por motivações económicas.

A língua também foi um dos factores que dificultou o processo de integração ou inserção dos bakongo no tecido urbano Luandense, isso devesse ao facto dos mesmos terem trazido consigo como língua o Lingala do antigo Zaire. Como observamos em "[entre]... os desafios enfrentados após a independência, destaca-se a questão da língua portuguesa, promovida como idioma de unidade nacional. Num espaço urbano fortemente influenciado pelo modelo ocidental, o domínio do português tornou-se requisito essencial para o exercício de actividades económicas e sociais" (Victor, 2025, p.31).

O português era usado ou falado pelos populares Luandenses e pelos restantes das províncias do país como língua volante, os regressados por não falarem o português faram categorizados de estrangeiro ou pessoas não pertencentes aquela sociedade. Neste contexto da língua Pereira (1999) frisa que a inserção dos bakongo regressados no contexto Luandense envolveu no aprendizado prioritário e urgente do português, a necessidade de ingressar no mercado de trabalho, a convivência no ambiente escolar e obtenção e afirmação de suas identidades como angolanos levou-os a aprenderem falar português como os demais grupos étnicos que falavam português em Luanda.

Ao observarmos o contexto histórico do passado recente e o monte atual é possível notarmos que o Kikongo vem perdendo espaço de fala como também seus falantes, isso vem acontecendo desde da migração realizada pelos bakongo angolanos para o antigo Zaire. No antigo Zaire ou Kinshasa o Lingala é a língua veicular entre os nativos. Portanto, em Kinshasa o Lingala era a língua obrigatória de ensino nas províncias de Leopoldville e Lago Leopoldo II. Os indivíduos de Angola que lá se encontravam exilados eram obrigados a falar Lingala sua convivência e inserção no mercado de trabalho a espaço escolar.

Pereira (1999) diz que a incorporação do Lingala por estes indivíduos migrado para o Zaire os levou ao pouco uso do Kikongo por ser uma língua que era considerado linguagem rural (língua de pessoas atrasadas não civilizadas). Todavia, a autora ainda esmiuça que o regresso do grupo para Luanda e sua inserção em Luanda levou-os novamente a fazerem pouco uso do Kikongo, visto que tinham como prioridade o aprendizado do português no seio familiar e para suas gerações de jovens.

Hoje em dia quase metade dos jovens bakongo nascidos e criados no contexto urbano de Luanda não falam e nem intendem o Kikongo, é mais comum encontrares nos bairros periféricos de suas instalações em Luanda jovens descendentes de pais bakongo serem falantes de português e Lingala, em muitas famílias bakongo os pais têm se limitado apenas em falar português ou Lingala. Portanto, os folhos desde muito cedo convivem com essa diversidade linguística dentro de caso, isso faz com sejam apenas de português ou Lingala.

Muitos bakongo ao chegarem na capital Luanda se instalaram nos musseques[5] (bairros periféricos ou favelas no português brasileiro), como Palanca, Pretangol, prenda, Cazenga entro outros musseques de sua fundação como os bairros da Mabor, Sapu bairro vizinho do Palanca, nesses bairros eles praticavam o comerciou informal nos portões de casa ou nas pequenas pracinhas (pequenas ferras) onde comercializavam de tudo um pouco desde a prática de negócio aprendido no antigo Zaire trazidos consigo após o regresso no país. um dos principais produto comercializado era o mikate (bolinho feito com farinha de trigo e frito no óleo normal de cozinha) isso por si só foi um elemento da sua bandeira comercial e presença em Angola-Luanda.

Quando o aspecto comercial que remete a presença dos bakongo na sociedade Luandense, Pereira frisa que o mercado é uma das instituições fundamentais da vida social

[5] A palavra musseque vem da língua kimbundo, mu=lugar, seke=areia. Refere-se ao terreno areno só e vermelho característico da paisagem de Luanda (Pereira, 2008, p.55).

Kongo. Se originalmente os Bakongo são um povo agricultor, a vasta área centro-africana com o predomínio da savana foi palco de intensas trocas comerciais, de média e longa distância, atingindo também os Bakongo, desde antes do século XIV, quando da emergência do Reino do Kongo (Pereira, 2008).

Os Bairros são locais onde as pessoas socializam-se direitamente sem barreiras de intimidades e vivenciando uma vida coletiva amigável, A zona de instalação que os Bakongo se sentem hospitaleiros em Luanda são em Bairros periféricos já mencionados antes, que possui uma relação histórica entre os Bakongo e os Zairenses, esses dois grupos sentem-se solidários e vivem na base de relação comerciais que ambos têm como oficio para sua sustentabilidade. Luanda é uma cidade que se situa entre as fronteiras do asfalto e os musseques, como descreve (Pereira, 2008, p.55).

Estes musseques que são de construções de casas de Madeiras, Chapas de Zincos, e Adobe. Vivendas precárias que caracterizam zonas e Bairros subalternos, onde encontramos pessoas de classes baixas e os repatriados, com a ausência de saneamento básico (água, energia elétrica, esgoto e recolha de lixos), formando a desigualdade na vasta Luanda. Os bakongo chegam direitamente nestes bairros, onde encontram céu aberto de oportunidades para o desdobramento das suas atividades quotidianas. De acordo (Pereira ,2008, p.58).

Para uma parte significativa da população residente na capital, os «verdadeiros angolanos» seriam sobretudo os povos Ambundus (Kimbundus) do antigo Reino do Ndongo - uma percepção que reforça a fronteira simbólica entre «autóctones» e «regressados» (Pereira, 2002). Essas afirmações ainda são predominantes até os dias, apesar dos indivíduos do grupo étnico bakongo hoje estarem instalados nos espaços urbanos de socialização e outras aeras de excelências no país ainda vesse que seus descendentes e uma boa parte da população rural sofre com rótulos estereótipos, discriminação, preconceito e estigmatização. O subtema que segue vai nos possibilitar compreender o assamento de forma mais objetiva e sucinta.

3.2 Estigmatização sofrida pelos bakongo regressados em Luanda

Como já dito antes que os bakongo durante muito se encontravam exilados na República Democrática do Congo que no passado era conhecido como Zaire-Kinshasa. Desse modo, o percurso histórico colonial português vivido no país e a guerra civil vivida no durante o período de 1975 a 2002, são factores que desempandeiram a migração do grupo étnico bakongo para aquele país do continente africano.

Com o fim da guerra civil vivida durante longos anos, o país em 2002 alcança a paz, isso levou muitos indivíduos do grupo etnolinguístico bakongo regressaram ao país. Com isso, também trouxeram consigo hábitos e costumes linguísticos aprendidos no país irmão de exílio (Congo-RDC). Os indivíduos Luandenses os viam como indivíduos estrangeiros não pertencentes ao país, este sentimento de estranheza gerado por eles aos Luandenses desencadeou uma onda de estigmas contra os indivíduos bakongo regressados que se instalaram em Luanda. Portanto, os espaços de estigmatização sofridos pelos bakongo em Luanda, foram nos espaços religiosos como igrejas, na escola, nos locais de trabalho, nos mercados informais e nos bairros de convivência com os vizinhos. Segundo Victor (2021) "[...] esses indivíduos que se refugiaram no RDC, ao voltarem em Angola, recebem o estigma de regressados, termo que está associado aos refugiados da República Democrática do Congo (Victor, 2021, p.17)." Como podemos observar na fala do que os bakongo regressado ao país foram estigmatizados de regressados, durante muito foram rotulados com este adjetivo pejorativo.

De acordo com Pereira (2008, p. 58),

> [...] os chamados regressados vieram chegando em diferentes levas. Primeiro, aqueles chegados na altura da independência, formaram um pequeno grupo de algumas centenas. Estes ocuparam os diversos cargos vagas na administração do estado e disputaram das residências do centro da cidade com a saída dos portugueses, acompanhando parte da população que estava na capital.

Estes regressados não eram aceites e muito menos eram considerados parte da sociedade angolana pelas outras etnias encontradas na cidade capital do país Luanda, eram considerados de impostores, oportunistas e estigmatizados de zairenses isso por conta do processo histórico que liga eles com os povos dos dois Congo, como também a sociedade produziu conflitos tribais entre os grupos étnicos do no país, eles tiveram que se adaptar com o espaço e os seus conflitos de poder territorial que enfrentavam.

Segundo Goffman (1981) define o estigma como uma marca tida por alguém que pode ser física, moral e etno-racial, afirmando que o social do estigma é distinguir e excluir e serve também para reafirmar a normalidade do outro. O autor continua dizendo que o processo estigmatizante junta uma dupla identidade social para o indivíduo estigmatizado pois nesse sentido, quando uma pessoa é estigmatizada ela passa ser desacreditada por grupo dito normal.

Por outro lado, Pereira (1999), frisa que os indivíduos bakongo estigmatizados como regressados, também foram associados como sujeitos desonestos ligados ao mercado ilegal, contrabando, delinquentes, também eram vistos como aqueles que degradaram os serviços públicos instalando a corrupção nos setores da vida social. Portanto, os Luandenses

responsabilizam os regressados como os responsável por introduzir pequenas corrupção de falsificação de documentação. Diante disso, a mesma autora argumenta dizendo que as praticas acusados aos regressados de praticarem já viam sendo praticadas em Luanda muito antes desses indivíduos estarem inseridos no contexto urbano luandense.

De acordo com Parker (2012) o conceito de estigma definido por Goffman (1981) vai além da noção de uma marca estigmatizada. Nesse contexto, o estigma é um processo social que está relacionado com as reproduções de práticas de poder dos grupos sociais. Portanto, o estigma pode ser compreendido como um processo de desvalorização das pessoas de determinados grupo, pois as vítimas do estigma são sempre aquelas que não se ajustam aos padrões sociais.

> O termo estigma, portanto, será usado em referência, a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso, nem desonroso. (GOFFMAN, 1891. pág. 6).

Quando analisamos o que aconteceu com os Bakongo regressados em Angola percebe-se que o estigma a eles associados estão ligados ao sotaque nas suas falas por causa da influência da língua materno regional, ao falarem o português não é suavizado de forma esperado na sociedade luandense também o vestuário é uma das formas que caracterizam os membros da Etnia, por intermédio desses dois fatores são estigmatizados pelos indivisos que não pertencem a cultura Kongo em Luanda.

Segundo Victor (2021):

> Em Luanda os Bakongo são considerados como estrangeiros, ou seja indivíduos que pertencem a RDC, esse é um problema de confronto para os Bakongo quando chegam em Luanda percepção equívoca de muitos indivíduos em angola e particularmente na capital Luanda, dá-se desde as instituições públicas a partir do nome dos Bakongo que são originário do Bantu com raízes africana, E pela associalização dos indivíduos assimilados que reproduzem o colonialismo, Os Bakongo enfrentam muitas dificuldades na inserção da sociedade luandense (Victor, 2021, p.18).

Sendo o autor os Bakongo na sociedade Luandense são considerados de sujeitos estrangeiros pertencentes a República Democrática do Congo, portanto, quando estes se instalaram em Luanda confrontaram com problemas dessa natureza, até os dias de hoje os bakongo ainda convivem com os mesmos problemas do passado.

Quando aos estigmas sofridos belos Bakongo nos espaços religiosos em Luanda Pereira (2013) salienta que no senário religioso do país sobretudo em Luanda a Igreja Católica, é a seita religiosa com mais fieis entre os bakongo. A autora ainda frisa que a Igreja Batista foi a principal

igreja proteste implementado na zono norte do país, é outra igreja inserção entre os bakongo, a igreja evangélica Batista (IEBA), a Igreja Kimbanguista (Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a Terra pelo Profeta Simão Kimbangu. Algumas dessas igrejas nasceram entre os bakongo, eles usam para adorar e glorificar o nome de Deus em seus cultos.

Victor (2021) argumenta que muitas das igrejas evangélicas ou protestantes frequentadas pelos bakongo em Luanda são pejorativamente chamadas de igrejas dos Langas, isso devesse ao facto de estarem assocializados com indivíduos congolês como também pela forma de que seus cultos a Deus são feitos. Sendo ainda o autor no contexto religioso a estigmatização dos Bakongo recai na questão de se autoafirmarem povos comerciantes e que fazem tudo pelo dinheiro, segundo alguns dizeres na sociedade luandense, também por relacionarem-se com os congoleses.

Segundo Victor (2021):

> As práticas de candonga religiosa, é frequente nos indivíduos congoleses, malianos, senegalês e muitos outros que chegam em Luanda e não aos Bakongo, reparamos que quando esses sujeitos chegam em Angola concretamente Luanda, com os ensinamentos Bíblicos que eles possuem fazem da igreja um comércio e daí conseguem arrecadarem fundo para seus sustentos e da sua família. Essas práticas dos congoleses deixam equívocos na sociedade de Luanda, julgando que entre os Bakongo e congolês todos são da mesma cultura ou então local de partida que chegam me Luanda com o mesmo prepósito (Victor, 2021, p.25).

Percebe-se que a pratico do comercio religioso mostra-se comum entre os indivíduos congoleses, malianos, senegaleses entre outros grupos que se instalaram em Luanda e, que não são Bakongo, os indivíduos não bakongo ao se instalarem trazem consigo ensinamentos bíblicos fazem das igrejas espaço de comércio religiosos para arrecadarem fundos para suas auto sustentabilidade e de suas famílias em Luanda assim como nos ilustra o autor.

Desse modo, as práticas realizadas por estes indivíduos congoleses e outros deixam equívocos na sociedade Luandense, com isso eles julgam os bakongo juntamente com os congoleses alegando que fazem parte da mesma ou que vieram para Luanda com esse propósito de comercio religioso.

4. CONTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS BAKONGO DE ANGOLA

4.1. Kamalongo casamento tradicional bakongo

A cultura de um povo é um elemento fundamental para identificação e diferenciação dos seus membros em detrimento de membros de outros grupos étnicos. Todavia, olhando para o caso sociocultural da cidade de Luanda percebe-se logo que é uma sociedade pluricultural

que é formada a partir dos elementos característicos identitários que diferenciam o conjunto dos grupos étnicos que existem no país, que predominam na sociedade luandense. Diante disso, o casamento tradicional praticado pelos bakongo em Luanda é um elemento pertencente a sua cultura desde muito antes do país sustentar o nome que tem atualmente.

Para Munanga (2009, p.13), a "[...] identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta".

Segundo Appiah (1997) diz o seguinte:

> Para compreender a variedade das culturas contemporâneas da África, portanto, precisamos em primeiro lugar, recordar a variedade das culturas pré-coloniais. As diferencias na experiência colonial também tiveram seu papel na configuração das diversidades do continente, mas até mesmo políticas coloniais idênticas, identicamente implementadas, influindo sobre matérias culturais muito diferentes, decerto teriam produzidos resultados amplamente variáveis (Appiah,1997, p. 242).

O autor destaca que a pluriculturalidade existente no continente africano, que compõem hoje à característica cultural identitária dos povos é resultado de culturais que já existiam no continente antes da colonização, por outro lado ele também ressalta que as experiencias da colonização diferenciada entre os povos também tiveram um papel crucial nessa diversidade cultural que encontramos no continente, isso a partir daquilo que eram os planos políticos colonial de dominação em África. O casamento tradicional do grupo etnolinguístico já existia muito antes do grupo estabelecer contacto com os portugueses, o grupo já vem realizando suas cerimonias de casamento a anos, embora hoje algumas coisas mudar com a influência da globalização e do colonialismo português no país.

Domingos (2016, p. 15) observa:

> O casamento bantu considera-se como uma instituição social que fundamenta a aliança entre grupos familiares. Entre os luandenses o vínculo que legitima esta aliança é o casamento tradicional (Alambamento). O casamento para os bantu em geral, organiza-se e simboliza sobretudo a transmissão de vida e de bens culturais (Domingos, 2016, p. 15).

O casamento tradicional dos bakongo que no Kikongo denomina-se por Kamalongo faz parte do casamento bantu, se apresenta como um elemento de identificação da identidade cultural dos bakongo. Este casamento funciona com um ritual de passagem ou iniciação para aqueles jovens que saem do estagio de solteiro para casados, para isso é preciso cumprir com alguns procedimentos ritualísticos que legaliza a realização do mesmo e passagem para outro estagio da vida.

Como observamos em Santos (2016), que diz que os rituais normalmente são utilizados em distintas finalidades como em cerimonias de casamentos, processos de iniciação ou passagem, litúrgicos, comemorativos ou festivos, propiciatórios, mortuários, divinatórios, de cura, entre outros. Os Bakongos, em Luanda, foram se multiplicando cada vez mais, e Pereira (2000, p. 50) afirma: Os luandenses hoje acham difícil casar com uma mulher Bakongo pelo simples facto de ser um casamento bastante dispendioso daquilo que eles estavam acostumados a ter. Com o decorrer do tempo esse mesmo casamento vai perdendo o seu valor simbólico e nota-se uma relevância maior nos bens matérias do que na própria tradição que por muito tempo se fazia sentir naquela mesma etnia. De acordo com Santos (2016) nas sociedades africanas, as tradições são os elementos vitais da cultura, revividas e reforçadas à medida que são mantidas entre seus membros, mesmo sofrendo alterações no decorrer dos anos.

Neste modo de ideia Schechner fala de dois tipos de rituais: o sagrado e o secular. Os rituais sagrados são aqueles desenvolvidos sob uma esfera de religiosidade. Os rituais seculares estão associados aos substratos ditos profanos, ou seja, a política, a vida cotidiana, a economia, as artes. (SCHECHNER, 2011 apud COSTA, G., 2015, p. 55).

O Kamalongo é a cerimônia do casamento tradicional Kongo. O longo é o conjunto de bens que a família do noivo deve dar à família da noiva. Equivale ao “alambamento”, na área kimbundu, e é consa grado pela literatura antropológica como o “lobolo” expressão mais utilizada na parte sul-oriental da África (Pereira, 2008, p.91). Junod (1996) salienta que casamento tradicional dos povos africanos é um sistema inverso do casamento ocidental, que este casamento consiste na entrega de “dote”, onde a noiva traz alguns bens para o casamento.

No contexto dos bakongo de Angola o Kamalongo baseia-se na entrega de dotes, aonde a família do noivo (pretendente) vai entregar a família da noiva uma certa quantidade de bens pedidos na carta. Os dotes normalmente são peças de pano, garrafões de vinhos, grades de bebidas alcoólicas como cervejas, grades de gasosas variando de marcas, fios de ouros, lenços, Sapatos e fotos para o pai da noiva e uma quantidade de dinheiro posto numa carta entregue ao tio da noiva irmão da mãe da noiva.

Pereira (2008) define o Kamalongo como a cerimônia do casamento tradicional Kongo. O longo é o conjunto de bens que a família do noivo deve dar à família da noiva. Equivale ao alambamento, na área kimbundu, e é consagrado pela literatura antropológica como o lobolo expressão mais utilizada na parte sul oriental da África.

Segundo Pereira (2008) diz que:

> A cerimônia do Kamalongo é uma das mais importantes cerimônias da sociedade Bakongo, onde não está em jogo apenas a formação de uma nova família, mas o estabelecimento de uma aliança pública entre duas famílias, acarretando a troca de bens que simbolizam o reconhecimento, pela família do noivo, do trabalho dispensado pela família que gestou e criou a principal força produtiva e reprodutiva da sociedade, a mulher, que passa então a residir com a família do marido, e a produzir dentro desta nova família, filhos e trabalho. (Pereira, 2008, p. 92).

Para os bakongo de Angola a cerimônia do Kamalongo ou simplesmente o pedido não é entendido como ato de união entre duas pessoas ou formação de uma nova família. Para este grupo etnolinguístico de Angola o Kamalongo funciona como um ato de união entre duas famílias onde os noivos passam fazer parte da família de um de outro, neste caso o homem (noivo) passara a ser filho da família da sua noiva, por sua vez a mulher (noiva) fará parte da família de seu marido.

Diante do exposto, Barroso e Cunha (2010) de modo geral, entendem que essa cerimônia é de grande importância cultural em Angola, pela própria manutenção dos hábitos e costumes que identificam determinado povo, bem como pela valorização da mulher e da família que a criou (Barroso e Cunha, 2010, p.2).

Para os Bakongo, a família do noivo, especificamente o pai levava consigo um garrafão de maruvo[6], cigarros, uma vaca ou galinha e noz de cola[7] para assim confirmarem a união dos noivos mesmo na fase infantil de modo a evitarem pretendentes, isso varia muito de família para família. Desse modo. com passar do tempo as coisas foram ganhando outro tipo de característica, sendo assim, hoje para casar com uma mulher da etnia Bakongo é exigido passar mais ainda em várias etapas ritualísticas.

A primeira etapa consiste na elaboração da carta. O homem que tiver intenção de construir uma família, deve endereçar uma carta ao pai da futura noiva pedindo oficialmente a

---

6 Maruvo é uma bebida feitas da seiva das palmeiras misturada com o fermento e um pouco de açúcar, quanto mais fermenta, mais aumenta a percentagem de álcool. É muito consumida sobretudo no norte de Angola, onde tem funções sociais precisas, como a cerimônia do alambamento, óbitos, no final de uma maka ou agradecimento ao voluntariado comunitário nas zonas rurais.

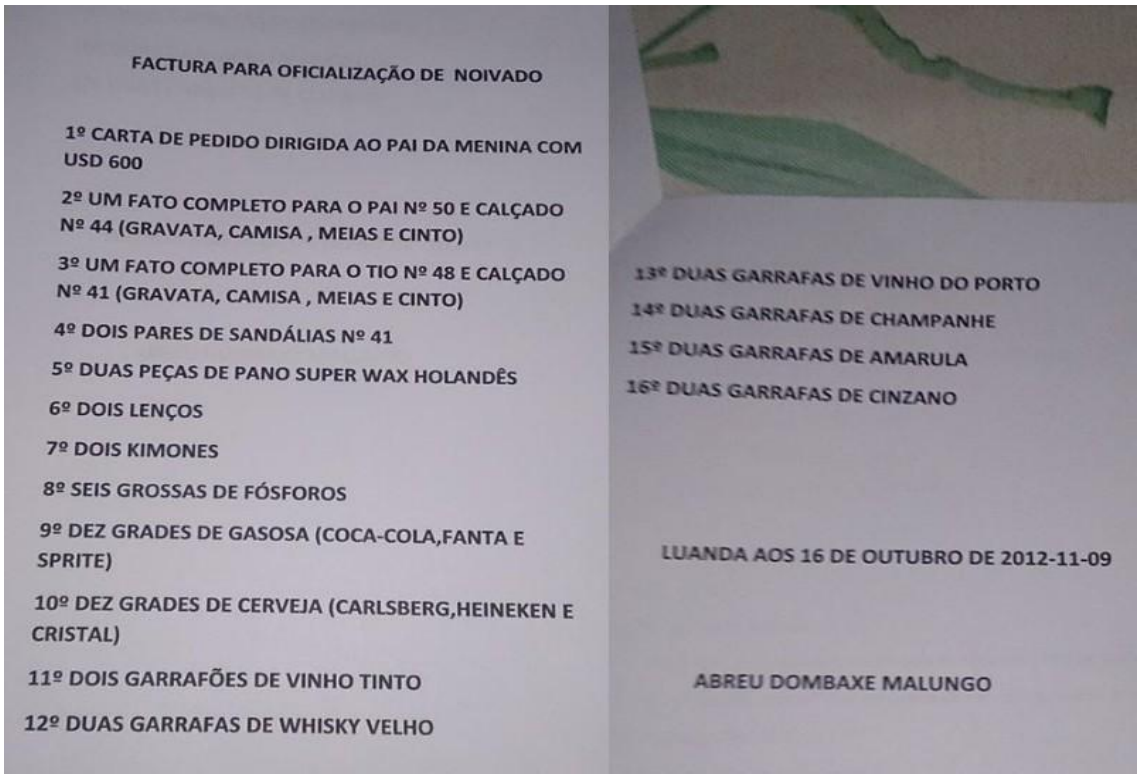
7 A noz de cola é um fruto existente em toda a África litorânea e comercializado para o interior do continente. Com efeito estimulante, é principalmente um símbolo de amizade, de partilha de significados, de hospitalidade, de aliança, sendo utilizado tanto em reuniões formais como em conversas amistosas. Cercado de simbologias entre os Bakongo, pela sua cor leitosa, que remete tanto à ancestralidade quanto à potência masculina, associado ao sêmen, é complementar e oposto ao óleo de palma, extraído do fruto da mesma palmeira, de cor vermelha, que é associado ao fluxo vital e feminino. A palmeira assim sintetiza a complementaridade entre os sexos apontando para o masculino vinho de palma, "lubrificante essencial para
ocasiões sociais" e o feminino óleo de palma, principal óleo com o qual se cozinha, a atividade doméstica elementar (MacGaffey, 1986, p. 130 apud Pereira, 2008, p. 94).

mão da filha. Esta carta, conforme Pereira (2008, p. 91) pode vir acompanhada de uma certa quantidade em dinheiro e/ou um presente, como uma garrafa de whisky. Em seguida a família da noiva vai observando de que Kanda o pretendente pertence e a partir daí ele vai responder sim ou não. A etapa a seguir é chamada de Kinzitikila (Kinzitikila, palavra em Kikongo que significa "promessa de casamento), caso o pai responder positivamente a família do noivo é convocada para assim confirmarem a futura união entre os dois, para que não haja mais pretendentes e é redigida uma lista dos dotes a serem entregues no dia da cerimônia.

Em termos gerais as listas da carte do Kamalongo são compostas pelos seguintes intens:

> Dois panos, um para a mãe da noiva e outro para a tia trata-se da tia paterna; um terno completo calça, camisa, colete, gravata, paletó, sapato para o pai da noiva, alguns engradados de refrigerante ou cerveja que variam de 7 a 14 engradados, dois lenços de cabeça para cada uma das avós, um petromax tipo de lamparina, sobretudo um casacão para o tio materno por vezes ouvi também avô materno. Há também um valor em dinheiro que é acordado durante a cerimônia (Pereira, 2008, p.91).

Figura 3 – imagem representa a carta do Kamalongo bakongo em Angola



Fonte: https://www.bing.com acesso no dia 11 de maio de 2026

Trata-se de uma lista elaborada pela família da noiva onde consta uma relação de coisas que o noivo tem de conseguir para oferecer à família da noiva, como reconhecimento pelos gastos feitos para com ela desde o seu nascimento até o dia do seu casamento. Portanto, a carta

funciona como um dote que representa um bem valioso poque assim a noiva terá o maior prestígio.

De acordo com Pereira (2008) quando o noivo neste caso o marido viver com uma mulher Bakongo e tiverem filhos sem ele ter feito o longo (alambamento ou Kamalongo) ele não possuirá nenhum direito ou autoridade sobre estes filhos do casamento, mediante isso, os filhos ficam sob tutela da família da mãe. Diante disso, quando chegar da sua filha de casar e este pai pedir o longo da própria filha, os bens acerem recebidos ficaram com a família da sua esposa que não receberam o longo dele.

Para os bakongo quando um homem já vive com sua filha e não fez ainda os deveres, ele considerado como amigo da filha mesmo seja conhecido em casa dos pais ou pelo resto dos familiares da mulher. Por outro lado, se este homem engravidar uma mulher bakongo sem fazer os deveres necessários exigidos na cultura Kongo como o longo este passar a ser considerado como um infrator alguém que pulou a janela da casa dos pais, ou seja individuo que não entrou pela porta da frente, isso por não fazer o pedido da mulher à família pertencente.

Neste sentido, quando ele for para se apresentar no Kamalongo lhe exigido a pague uma multa para o concertar a janela que destruiu ao pular para engravidar a filha deles (o pular aqui estamos é num sentido figurado) no contexto das cidades como Luanda a multa é pago em dinheiro nas zonas rural ele paga com um bode, cabrito ou porco.

Este nosso raciocínio casa com o pensamento de Luena Pereira quando (2008) argumenta o seguinte:

> tratava-se de regularizar a união que estaria sendo vivida indevidamente. Diz-se, quando o homem não cumpre sua obrigação de pedir a noiva corretamente e a engravida, que ele "pulou a janela", ou seja, não entrou pela porta da frente – não fez o pedido à família. Neste caso, ele deve pagar uma multa (que nas cidades é mesmo em dinheiro, mas na área rural poderia ser um bode ou cabrito ou porco). Por outro lado, parece haver pouco risco da família da noiva não aceitar o pedido, já que há fato consumado (pereira, 2008, p.92).

Diante do exposto cabe-nos aqui frisar que a entrega dos dotes pedidos na carta normalmente é entregue por meio de uma festa (simboliza a cerimônia do Kamalongo) organizada pela família da noiva para recebe a família da noiva para apresentação dos itens diante da família todo que fará do ato. Normalmente estes eventos acontecem na casa dos tios ou pais das noivas, mas com o passar do tempo e modernidade as famílias têm optados por alugar salões de festas para realização destes eventos, lembrando que nestas cerimonias evolvem danças, musicas, comidas típicas dos bakongo e bebidas. Mas sua realização existe

regras a serem cumpridas, uma delas e cumprir com exigência da entrega dos dotes entre outros, sabendo que os pais dos dois lados não têm direito a fala no dia da conversa e apresentação dos dotes apenas os tios dois lados é quem falam.

Como podemos observar em Pereira (2008) aonde autor descreve que na cerimônia do Kamalongo (festa do casamento tradicional Kongo), primeiro começa com recepção e comprimentos entre as famílias, o tio da noiva é o representante legal por receber e falar pela família enquanto no lado do noivo o representante por fala e responder é tio irmão da mãe. Desse modo, coloca autora que os pais da noiva no ato da cerimonia não exercem poder sobre sua filha, a responsabilidade da filha fica sob responsabilidade do tio irmão mãe.

Figura-4 Esta imagem representa a cerimônia da entrega dos dotes no Kamalongo



Fonte: angolainsights.com

Na cultura bakongo ou (Kongo) o Kamalongo vulgarmente conhecido entre os angolanos como Alambamento além de ser um ritual rico em significados tradicional, também representa a identidade cultural desde grupo étnico, está cerimonia carregados de significados permite aos membros apresentarem-se socialmente e diferenciar-se de outras grupos étnicos que tem no país. portanto, este processo, que envolve respeito, negociação e celebração, é um

testemunho da rica herança cultural dos Bakongo e da importância das tradições na vida comunitária.

4.2, Etnia Bakongo: contexto histórico, geográfico e cultural do Reino do Kongo

Segundo Timbane (2019), o grupo etnolinguístico Bakongo[8], derivou da região dos grandes lagos (Centro de África) e estendeu-se até ao sul da África Austral, compreendendo assim os países como: Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, República de Angola, República da Namíbia, etc. (Timbane, 2019, p.11). Nessa mesma ordem de pensamento autora Pereira (2008), salienta que o grupo Bakongo é a população:

> [...] originária da região norte/noroeste de Angola, ou dela descendente, que fundamenta sua autoidentificação numa relativa unidade cultural baseada, entre outras coisas, na partilha da língua Kikongo e na percepção de uma descendência comum, mais do que numa referência política, ainda que este aspecto subsista principalmente em setores da elite deste grupo (Pereira, 2008, p. 38).

O grupo etnolinguístico bakongo de Angola são povos que se originaram do povo Bantu, e encontram-se localizados no extremo norte e noroeste do país nas províncias de Cabinda, Uíge e Zaire, sendo o terceiro maior grupo étnico do país, e atualmente encontram-se espalhados em outros territórios províncias do país, o Kikongo é a língua cultural e tradicional falada por este grupo étnico antes da chegada do regime colonial português ter imposto em todas suas coloniais a obrigação da fala da língua do colono (Pereira, 2008).

De acordo com Guilherme (2024) o contexto culturais, sociais e econômicos, para os bakongo diferem-se pela sua arquitetura tradicional, pelo artesanato, como também pela prática da agricultura e do comercio. O mesmo autor sustenta que estas atividades constituem a principal atividade de subsistência cultural do grupo desde os tempos da sua expansão. Segundo Victor (2025) "[...], A língua Kikongo é a principal expressão linguística da etnia, embora existam variações dialetais entre os diferentes territórios onde os Bakongo se encontram estabelecidos. No caso específico do enclave de Cabinda, por exemplo, é predominante o uso do fióte (Victor, 2025, p.12)".

Victor (2025) sustenta que o contexto sociocultural na etnia Bakongo é caracterizado pela linhagem matriarcal, aonde os sobrinhos chegam ater mais consideram e respeito do que os filhos, isso porque a filhação baseia-se no sistema matriarcal (materno). Dessa forma, Pereira em (2008), frisa que a organização social das famílias na etnia Bakongo é baseada no princípio

---

8 Os bakongo de Angola, são um conjunto de pessoas organizado e estruturado culturalmente do ponto de vista social, que se encontram situados no norte e noroeste do país nas províncias do Uíge, Cabinda e Zaire, que têm a língua Kikongo como seu marco identitário dos seus povos.

da linhagem materna (Kanda)[9] ou seja, os filhos ao nascerem eles pertencem a família materna, neste caso os irmãos da mãe que são elevados à categoria de tios dentro da composição familiar Kongo detêm, mas direitos e autoridades sobres os seus sobrinhos/as em relação aos tios da parte paterna.

Como podemos ver que Pereira (2008):

> Atualmente, as estruturas da matrilinhagem têm a função, basicamente, de regular os casamentos dentro do grupo (fora da Kanda), de definir o grupo de herança, bem como de estabelecer a autoridade dentro da família, perdurando o sistema de chefia familiar centrada na figura do tio materno ou tio-avô materno, o membro mais velho da Kanda (nkazi) (Pereira, 2008, p. 78).

Por outro lado, os nomes para grupo etnolinguístico são de estrema importância para sua identificação social. Segundo Ngombo (2023): Culturalmente os nomes dos indivíduos bakongo são de caracterização sociocultural e específicas de origem Bantu com significações marcantes de identificação das suas tradições culturais locais, que revelam ou adotam um conjunto de poder hierárquico para quem os carrega (Ngombo, 2023, p.30).

Nessa ordem de pensamento Pereira (2008) argumenta que um indivíduo Bakongo também pode receber várias nomeações que vão lhe identificar ao longo da vida, sendo que entre vários nomes terá dois deles os, mas sonante entre as pessoas ao seu redor, como o nome de identificação tradicional ou o comum conhecido pela sociedade. Exemplificando, um filho(a), ao receber o nome dos avós paterno ou materno vai ser tratado ou receber o mesmo respeito que as suas charas são tratadas pelos seus filhos e os demais membros da família, ser chamado de Paizinho e Mãezinha. Sendo assim, Quijila e Garcia (2023) salientam que a formação dos nomes é composta do nome do pai e do avô materno, sendo assim a linha materna permanece firme na preservação da identidade cultural e a fortificação de parentesco de geração a geração.

O marco histórico do grupo Bakongo está associado ao antigo Reino do Kongo. Portanto, o Reino do Kongo constitui uma das formações políticas mais emblemáticas dos povos Bantu na região da África Central. De acordo com Altuna (2006), os povos Bantu terão migrado a partir das férteis planícies do Sudeste saariano, possivelmente da região do lago Chade, em resultado de um crescimento demográfico significativo. Alguns factores localizam

[9] Do ponto de vista de representação cultural na etnia Bakongo (Kanda), é o sistema de representação e ligação entre os indivíduos vivos com o espírito da sua ancestralidade, com aqueles que ainda não foram nascido, mas pressentem ao grupo por conta da linhagem materna, como também a ligação dos indivíduos livres que têm o direito de receber a herança familiar por conta da sua linhagem materna como aponta a pesquisadora Nunes Pereira (2008).

está "explosão" demográfica nas mesetas de Banchi, na Nigéria. Essas populações deslocaram-se progressivamente para sul, atravessando o Equador e fixando-se nas savanas a oeste da Tanzânia.

De acordo com Altuna (2006) os grupos Bantu dividiram-se em dois grandes fluxos migratórios: um seguiu o curso do rio Ubangui, atravessando a região do Congo (atual República Democrática do Congo), Angola, até alcançar o Oceano Atlântico; o outro deslocou se para os Grandes Lagos nos séculos VII e VIII, expandindo-se rapidamente para a África Oriental e Austral. Por volta do século VII, estes grupos já haviam alcançado o rio Zambeze e as costas do Oceano Índico, sendo que, segundo algumas teorias, o Zimbabué teria sido atingido apenas no século X.

Durante os séculos XV e XVI, o Reino do Kongo era o único Estado na região com capacidade hegemónica, estendendo a sua influência desde o planalto de Benguela até ao rio Cuango, conforme apontam autores como Thornton (2001) e Ogot (2010). Por volta de 1500, as fronteiras do reino abrangiam o curso do rio Zaire, desde o estuário até à confluência com o Inkisi, estendendo-se, em algumas zonas, para além do rio, especialmente na região de Manyanga (Balandier, 1968 & Hilton, 1985). Nessa altura, a população era estimada em cerca de quatro milhões de habitantes (Thornton, 2001).

Geograficamente, o Reino do Kongo localizava-se na África Central, entre o extremo sul da floresta equatorial e a fronteira meridional da actual RDC (Ogot, 2010; Hilton, 1985). A sua fundação remonta ao século XIII, sendo atribuída a Nimi-a-Lukeni, um rei guerreiro e conquistador, que atravessou o rio Zaire com o seu séquito e se fixou na margem esquerda (Thornton, 2001 e Vansina, 1990).

No Reino do Kongo, o poder político baseava-se na gestão das pessoas e das terras, sendo articulado a partir de um Conselho de Anciãos. Este conselho era composto por líderes dos clãs territoriais alargados, designados por Malemba ya Nguidu (Batsikama, 2015). A autoridade de Mbanza Kongo, capital do Reino, caracterizava-se por uma estrutura centralizada desde a sua fundação, no século XIII. Como observa Balandier (2009), desde o reinado de Dom Afonso I, em 1504, e de Dom António, em 1568, os reinos vizinhos estavam subordinados à autoridade do Mani Kongo – o soberano do Kongo.

Segundo Elikia M Bokolo (2009, p. 182), exprime: No que se refere às formas de organização social e às estruturas residenciais, pode verificar-se que nas décadas ou no século procedendo à fundação do reino, estavam em concorrência ou em situação de complementariedade dois

sistemas: o primeiro, dikanda ou kanda (pl. wakanda), baseada na filiação e no sistema de parentesco; o segundo privilegiava pelo contrário as relações baseadas na residência.

O Reino do Kongo implementava um sistema de descentralização administrativa com mecanismos de delegação de poder. Os manis provinciais eram responsáveis pela cobrança de impostos, pelo recrutamento de soldados e trabalhadores, bem como pela administração local. Estes, por sua vez, prestavam tributos ao Rei e dependiam da sua autoridade direta, podendo ser nomeados ou destituídos a qualquer momento. Apesar dessa relação hierárquica, os manis usufruíam de considerável autonomia económica e financeira. Como salienta Balandier (1968; 2009), o exercício do poder implicava a gestão de patrimónios e de riquezas. Quando Diogo Cão aportou em Mpinda, na foz do rio Mwanza (designado erradamente como Zaire), o Reino do Kongo já possuía uma organização política, social, económica e religiosa consolidada.

5. MEMORIAS E VIVÊNCIAS DE UM JOVEM MUKONGO

Partindo do campo psicossocial da análise do comportamento individual e coletivo do sujeito social percebe-se que a construção da memória perpassa pelos aspectos das vivências e experiencias particulares e coletivas. Dessa forma, a memória resumisse nos conjuntos de lembranças que não se apaga. Halbwachs (2006) salienta que existem dois tipos de memórias, elas são a memória coletiva causadas pelas experiências e vivencias coletivas e a memória individual que se resume nas vivencias particular do indivíduo.

Diante disso, corroboramos com Le Goff (1990) ao afirmar que “[...] a memória é como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990. p. 366). Na visão do autor, é a partir do conjunto das informações adquiridas e armazenadas na memória de um sujeito ou grupo social que conseguimos resgatar do passado histórico de vida, e fazer uma ligação entre as lembranças do passado para representação do presente.

Segundo Ngombo (2023):

> A memória de um jovem Mukongo pertencente a etnia Bakongo, resulta de um processo que é construído socialmente através dos fatores internos e externos que o rodeiam e marcam a transição da sua passagem da adolescência até a fase adulta, enquanto integrante do grupo social Bakongo de angola, influenciado de forma direta

> ou indireta pelos elementos coletivos e individual de experiência (Ngombo, 2023, p.18).

Simone (2011, p. 9), o "[...] fenômeno da memória em si, pode ser entendido como capacidade do indivíduo de guardar seletivamente certas informações fazendo uso de funções psíquicas e cerebrais e cognitivas. As pessoas fazem uso de sua memória o tempo todo".

Na perspectiva de Candau (2018), a memória é resultado de um conjunto organizado de ações praticadas ou exercidas por um indivíduo nos espaços coletivos ou individuais. Ele analisa que a memória é um meio de restauração das identidades dos indivíduos ou grupos sociais dentro das características coletivas sociais do passado do indivíduo. Na perspectiva do autor a memória pode se entender também como sendo um fenômeno por causa da grandiosidade e capacidade de armazenar fatos de tempos passados que a mudança de local ou a soma de idade não consegue apagar das mentes dos indivíduos.

Desse modo, o relato bibliográfico do próprio autor vai nos permitir a compreender aquilo que chamamos de memória e vivência neste trabalho. Isso porque ele relata da sua própria história de vida.

5.1. Relato bibliográfico pessoal

Simão David Ngombo[10] é o meu nome, sendo que (Ngombo), é o nome social, nacionalidade angolana, nascido na cidade Luanda aos 10 de outubro de 1998, no município do Cazenga. Faço parte de uma família alargada[11] e também cristã desde os membros paterno e materna. A maior parte são natural da província do Uíge, com exceção de alguns tios e tias da parte paterna como também materna que nasceram na província de Luanda.

Fui criado pelos meus avós paternos junto dos meus tios e tias numa casa de três cômodo e uma cozinha, no município do Cazenga, distrito urbano do Kalawenda, por causa da separação dos meus pais. Antes separação dos pais ocorreu antes de eu completar um (1) ano de idade vivíamos em uma casa composta por (5), homens (3), mulheres totalizando 8 pessoas, sendo que os meus avós e uma das minhas tias eram os únicos que garantia a sustentabilidade de casa, com exceção do meu pai que também contribuía para manutenção das despesas. Por conta da minha trajetória de vida adquiri a mesma formação educacional que os meus avós, passavam

---

10 Ngombo é um nome de identificação cultural da etnia Kongo do continente Africano da linhagem Banto (ou etnia Bakongo de Angola da zona norte, província do Uíge), que no ponto de vista de interpretação cultural, simbólica e social significa pessoa rica.

11 o contexto aqui mencionado de família alargada refere-se a uma família grande constituída por um número elevado de pessoas, onde entramos os pais, avós, tios, primos/as e outros tipos de relações de parentesco.

para os meus tios e tias partindo de uma base de princípios educacionais religiosos e espírito de solidariedade e afecção, bem como os costumes culturais simbólicos de identificação da nossa etnia que é algo que tem nos marcados fortemente como Bakongo. Pereira (2008, p.38), afirma o seguinte:

> A dúpla herança do jovem bakongo parece ser ao mesmo tempo um desafio para a manutenção dos aspectos que o identificam a vida cultural Kongo e, ao mesmo tempo, tem a potencialidade de repor a vitalidade desta mesma cultura, caracterizada pela capacidade de renovação e assimilação de característica de outras culturas.

Nos meados de 2005 a 2006 comecei a frequentar a igreja por influência da minha avó paterna que passou a levar-me aos cultos todos os domingos de manhã na igreja denominada Reforma de Angola (IRA). Desde cedo os meus avós e tios me ensinaram os hábitos e costumes os desta seita religiosa na qual a minha avó assumia um cargo de pastora.

De acordo com Medeiros (2018) seita religiosa configura-se no conjunto de movimentos sociais que buscam transformar a cultura geral, apresentando crenças e praticas inovadoras. Embora muitas vezes derivadas de formulações antigas, esses movimentos necessitam de um elemento distintivo que os torne especiais. Portanto, no contexto angolano, sobretudo no caso em que nos referimos a seita religiosa (IRA), Igreja Reformada de Angola, é uma Igreja de matriz Kongo protestante, que realiza seus cultos aos domingos pelas manhas, com objetivo de falar sobre Deus aos praticantes.

Diante dos aspectos religiosos aqui frisados, a autora Pereira (2008), descreve que as identidades religiosas na sociedade angolana, em particular na etnia bakongo onde a autora aponta que as igrejas pentecostais de matriz Kongo, têm assumido um papel fundamental na construção e constituição da identidade cultural nacional dos povos bakongo de Angola, e isso tornou-se também um método de identificação que diferencia os bakongo de outros povos culturais de Angola.

Presencie conflitos entre meus tios e tias com vizinhos que pertenciam a outras etnias de Angola, tudo porque eles nos viam como impostores de terra, estrangeiros e indivíduos pertencentes a RDC, porque o bairro também era habitado maioritariamente por pessoas das províncias de Malange, Catete e Kwanza Norte. As outras famílias não permitiam que os seus filhos frequentassem a nossa residência, alegando que a casa era de pessoas malfeitores e que comiam crianças. Alguns dos meus tios não conseguiam ter boas relações sociais na escola por serem Bakongo, havia bullying e discriminação em todos os lados e até nos mercados de

trabalho não lhes era favorável pela mesma condição de ser integrante da etnia Bakongo, mas no meio de tudo isso eles conseguiram alcançar seus objetivos.

Em diversas vezes tive crise de identidade cultural, pois diversas vezes negava ser integrante ou membro da etnia Bakongo. Isso, me levaram a questionar o meu lugar de pertencimento, como também questionar minha própria identidade cultural, crenças, valores e o papel do meu grupo étnico na sociedade Luandense, portanto, estes questionamentos manifestaram-se por conta de um pensamento e sentimento de inferioridade em relação aos membros de outros grupos etnolinguísticos, e também por achar que a nossa cultura era inferior às demais culturas nacionais de Angola. Dessa forma, entendia que ser membro do grupo etnolinguístico Bakongo na sociedade Luandense, era ser um indivíduo inferior em relação aos outros, era ser uma pessoa sem importância, representatividade e espeço de convivência entre os outros, já pensei que seria melhor não ser filho de pais Bakongo, que isso seria melhor para minha vida e evitaria ser negado, estereotipado, rotulados a coisas negativas que os Bakongos foram associados por muitos anos em Angola.

Sobre as questões que estão associados a crise de identidade Erikson (1968) argumenta que a crise de identidade se baseia no conflito entre identidade e conflito de papeis, onde o indivíduo busca a partir de suas experiências, vivencias e valores formar uma identidade estável. Neste processo o indivíduo busca a partir de suas experiências e vivencias construir uma personalidade com identificação própria.

Acredita-se normalmente que as influências externas de outras pessoas me faziam sentir-se inferior e que para eu ser aceite ou ser considerado angolano, ou considerado um ser superior eu tinha que renegar as minhas origens como bakongo, coisa que eu já cheguei a fazer muitas vezes sobretudo na escola e nas equipas de futebol onde eu passei durante este período conturbado.

Seixas (2008) define identidade cultural como sendo:

> A identidade cultural é formada com diferentes elementos culturais que podem ter distintos significados intertextuais para cada indivíduo ou grupo social. São elementos culturais os valores sociais e os modos de pensar, os costumes e o estilo de vida, as instituições, a história comum, os grupos étnicos, o meio ambiente natural e cultural, os pressupostos filosóficos subjacentes às relações sociais e outros elementos a que certa sociedade atribui significados culturais intertextuais específicos (Seixas, 2008, p.98).

Quanto a isso, entendia que os valores ou elementos culturais pertencentes ao meu grupo social, era dotado de um conjunto de condutas, costumes, estilos e ambiente social de pessoas

inferiores, formados por crenças de pessoas atrasadas. Todos estes elementos apontados, me levaram a achar na altura que o meu não envolvimento e negação dos elementos culturais pertencentes aos Bakongo fariam de mim uma pessoa melhor e aceite perante aos demais indivíduos da vizinhança.

No começo do ano de 2006, comecei a frequentar o ensino de base, numa escola de explicação com característica de colégio privado, no meu bairro. Junto dos meus amigos de infância, tínhamos como professor o nosso vizinho do bairro, nesta altura eu ainda se encontrava sobre a tutela do meu avô e tios que tomava conta de mim, esta foi a minha primeira experiência escolar antes de eu ir viver com o irmão do meu pai ano de 2007.

No ano citado fui viver com irmão do meu pai e a sua família no bairro da Mabor, um dos bairros periféricos de Luanda. Estando dentro dessa nova realidade social, não consegui me enquadrar por conta da dificuldade com a compreensão linguística da língua Lingala que eles usam/usavam-no seu dia-a-dia. A língua falada é majoritariamente falada pelos Congolês, mas em Angola há um bom número de falante e, isso dificultou muito a minha adaptação e até mesmo na interação social com os outros meninos e jovens fora do meu seio familiar. A língua portuguesa era pouco usada entre os falantes dessa zona, passando algum tempo fui me adaptando e a perceber como também me tornei falante da mesma língua.

Passando um tempo depois da minha difícil adaptação, as coisas começaram se tornar caótico, porque começaram a surgir as complicações e implicações da minha tia comigo por ser o único filho dentro de casa. Ela via-me como seu oponente e para ela, eu era impostor de identidade paterna. A esposa do irmão do meu pai passou a me bater com frequência sempre que eu regressava do colégio em que eu estudava e o meu tio não tinha noção do que se passava quando ele se ausentava de casa para ir ao trabalho, porque ninguém conseguia contar para ele sobre os acontecimentos.

Após um tempo ele descobriu tudo que acontecia comigo dentro de casa, daí o tio conversou comigo a respeito das agressões e disse para ele que queria apenas voltar para casa da minha mãe, ele não queria que eu fosse alegando que tudo poderia mudar. O episódio não mudou e o meu tio aceitou o meu regresso à casa antiga, no município do Cazenga., parecia tudo tranquilo, mas a situação foi quase a mesma, isso no exterior da casa, pois ademais sofria agressões verbais dos rapazes de outras etnias que rotulavam a minha família de Langas, Zairenses. Há um preconceito regional em Angola ou melhor tribalismo cultural, com especificada na sociedade luandense.

De regresso à casa os amigos que tinha ou havia conseguido mesmo quando era discriminado, porque não era aceite por ser filhos de pais bakongo, era chamado de Langa e outros nomes pejorativos. Esses amigos já não queriam andar comigo e não me permitiam fazer parte do grupo, nem das nossas brincadeiras da época, alegando que eu era mesmo um estrangeiro zairense por viver na Mabor por um curto período de tempo, difamando-me inclusive na escola no clube em jogamos lá futebol.

No início do ano de 2008 minha mãe que vivia separada do meu pai, havia constituído família com outro senhor e moravam com seus dois filhos. Ela em buscar de querer uma outra educação e aproximar comigo, conversou com o meu pai biológico a fim de eu puder viver com ela. O pai aceitou que eu se pode me juntar com minha mãe na sua casa, mas nesta altura eu e a minha não tínhamos muito contato, todo por conta da separação dela com o meu pai. Meu padrasto, o senhor Fernando, que afetivamente prefiro chamar de pai, fez a questão de me matricular em uma outra escola, mas infelizmente nessa escola só tinha 2 estudantes Bakongo, comigo fazia três.

As coisas não estavam nada favoráveis para mim e os meus dois amigos Bakongo, juntos sofreu as mesmas discriminações e preconceitos que os colegas produziam contra nós, e o local onde a escola estava localizado era numa zona em que viviam povos de Malange e Catete os que se intitulavam donos do território angolano. Algumas mães impediam seus filhos de brincarem conosco no recreio escolar alegando que Langa não são pessoas de se misturar, pois devoram pessoas, intitulavam-nos como feiticeiros. Então, com base nisso, eles nos isolavam do resto da classe com exceção do professor que vinha sempre conversar conosco. Antes do final do ano de 2008 às coisas começaram a tomar outro rumo, porque passei a reproduzir os mesmos comportamentos inadequados aos familiares que viam de outros pontos de Angola e de Luanda principalmente aqueles que eram de bairros habituais maioritariamente por bakongo, e alguns pessoal da (RDC), República Democrática do Congo.

Tratava-os mal e agredia verbalmente familiares e amigos que eram bakongo, e não ficava feliz com a presença dos meus primos e primas em nossa casa, até que no dia 25 de agosto 2008 deixei meu primo, filho da minha tia ser agredido fisicamente de forma violenta pelos meus amigos, por ele ter nascido na província do Uíge e também para provar lealdade aos meus amigos que renegavam a minha de pertencimento Bakongo.

Mas no final deste mesmo ano meus pais decidiram que eu tinha que ir estudar na província do Uíge, porque estava a ficar muito agressivo e não estava me preocupando com a

escola. Morei no Uíge mais de 3 anos e tive a oportunidade de dar sequência nos estudos, tendo realizados os níveis de 4ª, 5ª, 6ª e 7ª ano do ensino fundamental. A minha estadia naquela cidade da província do Uíge, igualmente foi marcada por muitos obstáculos por causa do ambiente social da cidade, hábitos, costumes e cultura que eram diferentes a de Luanda que eu julgava ser superior às demais culturas do país. Os primeiros dias de convivência naquela província do país ficaram marcada por um conjunto de intrigas da parte das pessoas encontradas na vizinhança, isso porte os rapazes naquele período enxergavam os Luandenses como pessoas prepotentes, arrogantes e muito mais.

Apesar disso, os meus tios da parte materna me acolheram bem e tinha compaixão por mim, ensinavam-me, sobre os hábitos e costumes culturais ligados à minha identidade étnica e foi a partir das experiências e vivências da minha passagem a aquela província do Uíge que passei a me identificar culturalmente como Mukongo, integrante da etnia bakongo. Assim, a partir deste marco narrativo, as coisas começaram a tomar outro rumo que trouxeram mudanças na minha visão do mundo sobre a importância de valorização da identidade.

O ano de 2010 foi sombrio para mim, pois foi nesta época que tomei o conhecimento do passamento físico do meu pai e nesta altura eu me encontrava a estudar na província do Uíge. Com a perda prematuro do pai, minha vida se tornou um caos, porque já não tinha o meu amigo, herói e protetor e defendia daqueles que me faziam mal. O mais triste neste episódio foram as palavras de apreço que o pai disse para mim, transmitido pelo meu amigo que estava com ele no hospital até o seu último suspiro. O pai dizia: vou morrer sem ver o meu filho, sem ver o sucesso dele, mas dizem para ele que o Papa o amou muito e sempre vou amar. Que ele se forma e consiga dar aquela alegria para sua mãe e meus familiares e seja sempre ele e faça valer o significado do seu nome Ngombo.

O pai evidenciou sobre a cultura Bakongo e disse mormente que o meu filho é Bakongo assim como eu sou e nunca deve temer por ser negado pelos outros por ter essa origem. Quando regresso à Luanda no ano de 2013, me tornei diferente tendo um olhar mais solido e com uma consciência voltada aos princípios culturais da nossa etnia e passei a me identificar como Bakongo na comunidade, na escola e em todos os lugares que eu fosse, estudei por, mas 3 anos em Luanda e tendo concluído a 9ª classe, fui fazer o ensino médio na província do Bengo. Não tivesse sucesso naquela cidade e tendo estudado apenas o primeiro ano do ensino médio, regressei novamente para Luanda por onde estudei por mais 2 anos no LICEU 3043, do município do Cazenga mais conhecida por escola grande, onde terminei o ensino médio. Minha inserção nesta instituição de ensino público deu-se por meio de uma transferência de uma

instituição para outra. 2017 foi o ano que entrei para o LICEU 3043, onde frequentei a 11ª Classe na turma 02, o ano seguinte em 2018 fui aprovado para 12ª Classe ultimo nível de ensino nas escolas de ensino médio normal do país, conhecidos por puníveis, estudei o ano letivo todo na turma 14 no período da manhã. No começo de 2019 terminei o ensino médio nesta escola, pode assim obter o título de técnico médio.

Mas de realçar que minha trajetória nesta instituição de ensino LICEU 3043 não ficou marcada por conflitos étnicos, preconceito, estigma ou mesmo bullying. Os colegas me aceitavam pelo que eu era e representavam minhas origens. Não me lembro de ser excluído ou negado a fazer parte de alguma atividade coletiva por ser integrante do grupo etnolinguístico, os colegas Bakongo da turma se tomaram na rede de apoio uns dos outros, sempre buscávamos nos apresentar pelos éramos. Nesta fase a relação e convivência escolar era mais salutar em relação aos anos de ensino fundamental.

No começo do ano 2019 tive a minha primeira experiência no processo de seleção para ser admitido no ensino superior e concorri no curso de psicologia pela universidade pública de Luanda que tinha o ensino voltado para formação de professores nas áreas das ciências sociais e exatas localizada no município do Kilamba no quarteirão B, universidade denominada Instituto Superior de Ciências da Educação Superior de Luanda (ISCED). Mas infelizmente não fui aprovado testes de admissão. Continuei persistente e motivado na esperança de ingressar no ensino superior, em 2020 fui participando em processo seletivo, desta vez foi numa universidade privada cujo nome é Instituto Superior Politécnico do Cazenga e fui admitido no curso de psicologia. Por conseguinte, tendo iniciado os estudos, com o surto da pandemia, as aulas foram suspensas, tendo retomado no final daquele ano e o ano letivo terminou em 2021.

Ressalto que, neste período havia participado no Processo seletivo dos estudantes Internacionais na Universidade da Integração Internacionais da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e tinha sido admitido e já estudávamos a distância, pois não tinha como viajar, pois os aeroportos não estavam liberados para viagens internacionais, condicionado pela Pandemia da Covid19. Em 2023, concluí a minha primeira formação superior no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição que desempenha papel crucial na integração acadêmica e cultural entre países de língua portuguesa. Após a conclusão da primeira fase da graduação ingresso para segunda graduação na terminalidade de licenciatura em Sociologia na (UNILAB).

Desse modo, Berman, descreve que as vivências são um conjunto de experiências complexas coletivas ou individuais, vividas por um indivíduo ou um grupo social que possibilitam o compartilhamento com a sociedade atual moderna de acordo com o tempo e o espaço de vivências (Berman, 1986).

Este relato de configura-se naquilo que os autores mencionados sobre memória chamam de memórias e vivencias. Dessa forma, percebe-se no conjunto de informações descritas acima permite entender que a vida do autor foi marcada por conjunto de vivencias coletivas aquilo que ele vivenciou no seio familiar e na sociedade em que estava inserido como também as vivencias de ordem coletivas atravessados pelas experiências particulares. Compreender as vivencias ou experiências do autor foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Isso porque nos permitiu compreender as complexidades étnicas existentes na sociedade Luandense, entender como os indivíduos pertencente ao grupo étnico Bakongo foram descriminados durante muito tempo e como sua inserção em Luanda.

6. CONDIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de um estudo minucioso para realização desta monografia conclui-se que a história da Angola atual é formada por um conjunto de factores internos externos que fazem a angolanidade que conhecemos nos dias de hoje. Desse modo, percebe-se que antes da chegada dos colonizadores e invasores portugueses no país já existiam povos habitando este vasto território do continente africano.

Outro ponto importante da pré-história de Angola que vale ressaltar é que o país viveu um período de migrações realizadas pelos povos nômadas Bantu que foram fundamentais no processo da formação dos grupos étnicos e línguas existentes atualmente no país. Percebemos que depois deste período de formação dos grupos étnicos o país vivenciou um longo período de invasão e dominação territorial colonial português, aonde os povos nativos forma submetidos a trabalhar na condição de pessoas escravizadas e em condições desumanas. Diante dessa, realidade viu-se o surgiram os movimentos de libertação que lutaram contra seus dominadores ocidentais, está luta levou o país alcançar a deseja independência no dia 11 de novembro de 1975.

Após o período de alcance da independência o país mergulhou num clima de instabilidade política e social que originou a guerra civil entre os três (3) movimentos de libertação nacional pela disputa do poder interno de quem poderia se tonar governo e pelas divergências ideológicas entre as forças políticas. Sendo que este conflito armado dourou cerca

de duas (2) décadas, mas chegou ao fim no ano de 2002 com a morte do líder e fundador da UNITA.

Este conflito deixou consequências de ordem social em toda país, levou milhares de pessoas abandonarem suas zonas de origem e irem a busca de lugares no país que ofereciam estabilidade como o caso de Luanda ou nos países vizinhos, este foi o caso dos bakongo que durante os conflitos no país deixaram suas terras para buscarem exílio nos países vinhos, milhares de famílias desse grupo estiveram exiliados no Congo Democrático por muitos anos.

Neste sentido, com o fim da guerra civil em 2002 muitos indivíduos do grupo etnolinguístico Bakongo regressaram ao país em grupos de penas famílias, vimos ao longo do estudo feito que este regresso e afirmação no contexto urbano Luandense ficou marcado por um período discriminação e estigmatização por conta das suas identidade e práticas culturais similares ao dos cidadãos da República Democrática do Congo outros factores.

Portanto, a realização deste estudo mostra-se fundamental para compreensão da organização cultural dos bakongo de angola em Luanda, como também mostrar a população do tecido urbano Luandense que os bakongo não são pessoas estrangeiras ou Langas como vêm sendo rotulado ao longo dos anos. Desse modo, é importante refletirmos em torno da história de Angola e das suas comunidades culturais.

Por fim, este estudo também permitirá compreender a identidade cultural Bakongo que não desapareceu no contexto urbano, mas se transforma e se adapta às novas realidades sociais. As memórias e vivências dos jovens Mukongo demonstram formas de resistência cultural e reafirmação identitária Kongo.

REFERÊNCIA

Altuna, R. (2006). **Cultura Tradicional Bantu Luanda**: Paulinas.

ANGOLA. **Constituição da República de**. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.

ANGOLA. **Lei n.º 14/24. Lei n.º 14/24**, de 5 de setembro de 2024. Aprova a nova Divisão Político-Administrativa da República de Angola. Diário da República da República de Angola, Luanda, 2024.

Angola. São Paulo: USP

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai**: África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALANDIER, Georges. **Sociologia atual da África negra**: dinâmica das mudanças sociais. Paris: PUF, 1968.

Balandier, G. (2009). La Vie Quotidiene au Royaunne du Kongo du XVI au XVIII Sciécle. Paris: Hachette.

BARROSO, Nuno Paulino; CUNHA, Celestina Francisco da. O casamento tradicional em Angola. **Universidade Federal de São João del Rei**, 2010.

BEMBE, Miguel César Domingos. **O terrorismo em África**. Breve enquadramento do fenómeno em Angola. Seminário proferido em, v. 22, 2010.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BONACINA, Amabilly; SERPA, Rafaela. A Revolução Angolana e seu Impacto Internacional. **Revista Perspectiva,** Porto Alegre, v. 10, n. 18, p. 131-143, fev./Mar. 2017. Disponível em. Acesso em: 02 mar. 2025.

CANDAU, Joel, **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, Tiago Emanuel da Cunha. **O Conflito entre MPLA e UNITA/FNLA como Materialização do Confronto URSS/EUA**: no contexto da Guerra Fria. 2015. 68 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. Disponível em: Acesso em: 02 mar. 2026.

CASCUDO, Fernando Luís Câmara. **Angola a Guerra dos Traídos**. Rio de Janeiro: Bloch,1979.

COSTA, G. A. Ritual em Richard Schechner e Victor Turner: aspectos de um diálogo interdisciplinar.

CRESWELL, J, W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DA SILVA, Antônio Carlos Matias. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **NEARI em Revista**, v. 4, n. 5, 2018.

DOMINGOS, Gilson Armindo. **O pedido (o alambamento)**: a perda do seu valor simbólico em Luanda – Angola. / Gilson Armindo Domingos. Redenção/CE, 2016.

Equatorial Africa. Madison: University of Wisconsin Press.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Matias Lamber. 1981.

Guilherme, M., & Campos, M. T. (2024). Educação Ambiental e destino dos resíduos
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

Hall, Stuart**. A identidade cultural na pós-modernidade**. 1987.

HENRIQUES, I. C., 2004 – **Território e Identidade**: a construção da Angola colonial. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.

Hilton, A. (1985). The Kingdom of Kongo. Oxford: Clarendon Press.

HÖRING, Jéssica da SILVA. **Os Movimentos de Libertação Nacional em Angola:** Trajetória política, guerra civil e impactos sobre a construção do Estado (1975-2002). 2015. 99 f. Trabalho de conclusão (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: Acesso em: 02 mar. 2020. Julho/dezembro.

LE GOFF, J**. História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

Madison: University of Wisconsin Press.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. **Revista Contexto & Educação,** v. 25, n. 84, p. 31-50, 2010.

MEDEIROS, A. Seitas, líder e identidade – discutindo o Adventismo Alexandre. **Revista Internacional d'Humanitats,** v. 44, p. 184–185, 2018.

Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

Munanga, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos/ Kabengele Munanga**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Cultural Negra e Identidade).

Munanga, Kabengele**. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações/ Kabengele Munanga** – São Paulo: Global, 2009.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

NGOMBO, Simão David. **Memória e vivência de um jovem Bakongo de Angola**: um estudo interdisciplinar sobre etnicidade e cultural. 2023. (Bacharelado em Humanidades) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, 2023.

Nome em Kikongo como símbolo de reservação cultural Bakongo. Revista Ideação, N. 48,
NUNES, Fernando José Matias. **A guerra civil angolana no contexto da Guerra Fria: da Independência à Guerra por Procuração**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Guerra Naval (EGN).

PANTOJA, Selma Alves. **Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão.** Brasília: Thesaurus, 2000.

PAULO BENGUI, Manuel; ANTÓNIO TIMBANE, Alexandre. Os" segredos" socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo: a língua e a cultura em debate. **Revista de Ciências Sociais-Brazil**, v. 50, n. 3, 2019.

Pereira, L. N. N. (2002). **Etnias de fronteira e questão nacional**: o caso dos regressados em PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Etnias de fronteira e Questão nacional: o caso dos "regressados" em angola.** PPGAS/USP. Bolsista FAPESP.cadernos de campo n.10.2002.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os bakongos de angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda.** São Paulo: serviços de comunicação social. FFLC/USP,2008.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os regressados na cidade de Luanda**: um estudo sobre ... 1999. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Religião e Parentesco entre os Bakongos de Luanda**. AfroÁsia , 47 (2013), 11-41.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

Quijila, A. C; Garcia, M. A (2023). Nome e Identidade Cultural em Angola: O papel do Rezende da Silva, Simone A Importância da Memória no Processo de Reinvenção da Identidade e Territorialidade Quilombola. **Revista Geográfica de América Central,** vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-13 Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=4517. Acesso em: 23 set. 2025.

SANTOS, V. Representação Simbólico da Cerimônia de Casamento Tradicional Angolano, **in Revista África e Africanidades** – Ano IX n. 23.

SEIXAS, Renato. Identidade Cultural da América Latina: conflitos culturais globais e mediação simbólica. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 7, n. 12, p. 93-120, 2008.

SILVA, Agostinho Alexandre Joaquim da. Angola: **dinâmicas internas e externas na luta de libertação (1961-1975). 2014. 319 f.** Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014. Disponível em. Acesso em: 13 mai. 2025.

sólidos no município do Soyo, província do Zaire (Angola). **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (RevBEA), 19(6), 40-55.

STRAUSS. Anselm; CORBIN. Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimento para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Tradução: Luciane de Oliveira da Rocha, 2ª edição, Porto Alegre, Editora: ARTMED, 2008.

TELO, Florita Cunhanga António. Angola: **a trajetória das lutas pela cidadania e educação em direitos humanos.** UFPB/CCJ. João Pessoa, 2012. ~

Thornton, J. (2001). The Kingdom of Kongo: Civil War and Transition, 1641–1718.

Vansina, J. (1990). Paths in the Rainforests: Toward a History of Political Tradition in VICTOR, Diakenga Lucas. **A etnia Bakongo na luta pela sua integração social na cidade de Luanda: Pós paz efetiva em Angola (2002 2008)**. 2025. Dissertação de Mestrado.

VICTOR, Lucas Diakenga. **A estigmatização da etnia Bakongo**-: um estudo voltado à província de Luanda-Angola. 2021. (Bacharelado em Humanidades) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, 2021.

VISENTINI,Paulo G. Fagundes. **As revoluções africanas:** Angola,
WHEELER, D; PÉLISSIER, R. **História de Angola. 1. Ed. Lisboa**: Tinta da China, 2009.

WHEELER, Douglas; PELISSIER, René. **História de Angola**. 6. ed. Lisboa: Tinta da China, 2016. ISBN 978-989-671-074-3.

ZAU, Filipe. **Angola: trilhos para o desenvolvimento**. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.